

Weblogs: narrativas do eu e novas experiências de informação



INDICE

EDITORIAL	2
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>A Unisinos no universo dos blogs.....</i>	3
<i>“Nós, usuários da rede, estamos descobrindo que os meios somos nós mesmos”</i>	10
Entrevista com José Luis Orihuela.....	10
<i>Novas escritas de si: entre o absolutamente público e o extremamente privado.....</i>	15
Entrevista com Paula Sibilía.....	15
<i>A blogosfera: uma ferramenta essencial para a notícia.....</i>	19
Entrevista com Marcos Palácios.....	19
<i>“É hora de repensar os cursos de comunicação”</i>	20
Entrevista com Pedro Doria.....	20
<i>Blog e literatura.....</i>	24
Entrevista com Daniel Galera.....	24
<i>Todo o mundo tem uma história para contar</i>	25
Entrevista com Rebecca Blood.....	25
<i>Blogmaratona: solidariedade na blogosfera.....</i>	26
Entrevista com José Javier Domínguez	26
<i>Quando o trabalhador faz um blog</i>	29
Por Fabrice Rousselot	29

Um código de conduta para desativar a crítica.....	31
<i>O Irã dos blogs, uma “sociedade civil selvagem” e sem tabus.....</i>	32
Por Claire Ismard.....	32
DESTAQUES DA SEMANA	33
ARTIGO DA SEMANA	33
Verdade sobre células-tronco embrionárias.....	33
LIVRO DA SEMANA.....	36
BELLUZZO, Luiz Gonzaga. <i>Ensaio sobre o capitalismo no século 20</i> . São Paulo: Unesp. 2005.	36
<i>Da economia à política, Belluzzo dissecou uma civilização que agoniza</i>	36
FILME DA SEMANA.....	37
A Queda	37
<i>Poucas vezes a figura do Mal foi tão bem ilustrada</i>	38
Por Luiz Zanin Oricchio	38
DEU NOS JORNAIS	39
FRASES DA SEMANA.....	46
EVENTOS IHU	48
IHU IDÉIAS	48
Cidades privadas.....	48
QUARTA COM CULTURA UNISINOS	51
Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia	51
VEJA O QUE O IHU ON-LINE JÁ PUBLICOU SOBRE KEYNES	51
<i>Keynes, um social-liberal antes da hora.....</i>	51
Por Gilles Dostaler	52
<i>Dois Keynes pelo preço de uma teoria.....</i>	55
Por Denis Clerc.....	55
IHU REPÓRTER.....	59
EVERTON LOPES FONTOURA	59

EDITORIAL

Em abril de 2005, a existência de weblogs era estimada em 31,6 milhões e o prognóstico é de 53,4 milhões até o final deste ano. A blogosfera é cada vez mais uma realidade que merece a atenção de especialistas de várias áreas do saber.

*O tema de capa do **IHU On-Line** desta semana, quando se realiza o International Weblogger's Day, amanhã, dia 14 de junho, busca discutir este novo meio originário, a Web, e, possivelmente, como afirma José Luis Orihuela, professor na Universidade de Navarra, “primeiro meio nativo dela”.*

Os depoimentos de colegas nossos aqui da Unisinos mostra como, cada vez mais, os usuários da rede vão descobrindo que os meios são eles mesmos.

Paula Sibilía, doutoranda em Saúde Coletiva na UERJ e em Comunicação na UFRJ, na entrevista publicada neste número, analisa a blogoesfera como uma “espetacularização do eu” com recursos performáticos. Trata-se, segundo ela, de fazer do próprio **eu** um **show**. Nesse sentido, a conferencista, escritora e blogger Rebecca Blood é contundente, quando afirma na entrevista publicada neste boletim: “Eu sempre digo que escrevo para um público composto de uma pessoa: eu”.

O impacto dos weblogs na descentralização e democratização radical da informação é de tal monta que o jornalista Pedro Dória constata que “o Brasil é um dos muitos países que partiu do princípio de que, exigindo formação específica (para o jornalista), um diploma, conseguiria estabelecer uma reserva de mercado. Com a Internet, acabou. Gente competente, que escreve bem e é experiente em suas áreas será capaz de falar sobre assuntos vários com mais competência que jornalistas. Como ninguém deve começar a cassar blogs – espera-se que sindicatos não virem censores –, é hora de repensar os cursos de comunicação”. A íntegra da entrevista do jornalista, que escreve na página nominimo, pode ser lida nas próximas páginas.

Outro fenômeno importante, refletido neste número, é o crescimento dos condomínios nas nossas cidades. Qual é o significado desse fenômeno e qual é seu impacto na sociedade contemporânea? O nosso colega, Prof. Dr. Paulo Edi Rivero Martins, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unisinos, abordará o tema Cidades Privadas no **IHU Idéias** desta quinta-feira e concedeu uma entrevista sobre o tema nesta edição.

Chocados com os acontecimentos políticos da semana, que o Instituto Humanitas Unisinos (IHU) têm acompanhado, diariamente, na sua página www.unisinos.br/ihu, dedicamos a editoria Deu nos jornais à atual crise política brasileira.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

A UNISINOS NO UNIVERSO DOS BLOGS

Falar de blog e linguagem virtual na Unisinos já não é mais novidade. Grande parte dos alunos, professores e funcionários da Universidade tem blogs das mais diversas categorias. **IHU On-Line** conversou com alguns deles, que falaram sobre a experiência de ter um weblog, sobre o grau de satisfação, a interação com internautas do mundo inteiro e a motivação de fazer postagens frequentes de conteúdo na rede. Confira os depoimentos a seguir:



Thaís Jardim trabalha na Editora Unisinos, é publicitária com pós-graduação em Marketing, gestão empresarial e qualidade. O primeiro *blog* que ela criou foi em 2002 e era do site Blogspot. Depois trocou para o site Blogger, desde junho de 2003. O endereço é www.thaisjardim.blogger.com.br. Thaís conta que a idéia de ter um *blog* surgiu porque ela sempre gostou de escrever. “Eu escrevia muito, mas sempre em guardanapos ou papéis soltos, e perdia muitos dos meus textos. Quando comecei a entender o conceito de *blog*, passei a me interessar, visitar alguns *blogs*, e cheguei à conclusão de que isso seria uma boa idéia para preservar meus textos, para não perdê-los mais, para registrar o que eu escrevesse em um lugar organizado”, explica. Ao tentar definir seu *blog*, Thaís argumenta que ele não é um diário, pois ela não fala da sua vida nesse espaço. “No início, eu até falava um

pouco, mas nunca fiquei muito confortável com isso. Eu nunca tive diário, nem nunca tive vontade de escrever em um; não uso o *blog* para isso”. Para ela também é difícil caracterizar ou delimitar o estilo dos textos que escreve. “São *textos*, eu chamo assim. Tem gente que acha que eu faço contos, que escrevo poesia, mas eu não gosto de categorizar”. Thaís conta que vários internautas entram, visitam e comentam seu *blog*. “Tenho reparado que muitas pessoas que visitam meu *blog* não gostam de deixar comentário. Muitos preferem me enviar o comentário por e-mail, mas é óbvio que muitos comentam no próprio *blog*”. Segundo ela, os comentários são os de sempre: “Às vezes, é sobre alguma coisa que escrevi no texto, ou me dando conselhos porque acham que o que eu escrevi é algo pessoal, me dizendo como eu devo agir, ou comentam sobre o texto por si só, ou elogiam, ou pedem para manter contato comigo, me mandam textos que eles escrevem e pedem que eu opine, ou me convidam para participar de projetos”. Thaís lembra de um episódio em que um rapaz lhe escreveu dizendo que estava fazendo um roteiro para uma peça de teatro baseado num texto dela. “Gosto de ter esse tipo de retorno. Eu não sou uma *bloggeira*, não posto todos os dias, raramente visito ou comento outros *blogs*, não me preocupo em responder para quem deixou comentário, ou visitar o *blog* de quem comentou no meu *blog*”. A publicitária usa o *blog* para registrar seus textos e ter uma forma de interação com quem lê e visita. “O *blog* me estimula a escrever, sem se tornar obrigatoriedade. Tem gente esperando que eu escreva, me cobram quando estou muito tempo sem postar nada. É um estímulo à minha criatividade”, encerra.



Mário André Pacheco, formado em Direito, professor particular de inglês e aluno do Curso de Comunicação Digital da Unisinos, criou seu *blog* em março de 2005, por uma solicitação do professor Daniel Bittencourt, do Programa de Aprendizagem Introdução ao Jornalismo. “Eu não tinha intenção de fazer isso. Antes de ter um *blog* eu não valorizava devidamente esse instrumento por não saber a repercussão que ele tem”, confessa. Mário entendia que muitas pessoas usavam o *blog* apenas por questão de vaidade pessoal: “colocavam

irrelevâncias, muitas bobagens”. Ele mantém seu *blog* segundo as orientações do professor, com um caráter profissional, já se preparando para a carreira de comunicador digital. “Estou notando que o trabalho que faço está no mesmo patamar de muitas empresas conceituadas e fico satisfeito com isso. O *blog* tem matérias que fazemos durante o curso”. Mário André reconhece que o potencial de um *weblog* é enorme. Ele ainda não divulgou para os amigos o endereço do seu *blog*, que é mario-andre-pacheco.blogspot.com. “Por isso os comentários ainda estão deficientes”. Para ele, o autor de um *blog* deve divulgá-lo não só na universidade, mas em outros meios, para que receba comentários de pessoas que nem imaginava. “Eu tenho satisfação de ter um *blog*, porque coloco nele um trabalho feito com cuidado. Não são divagações, ou apenas um diário pessoal, sem nenhuma disciplina, sem nenhuma técnica. Isso pesa positivamente para a pessoa que faz”, comenta.



O *blog* de Alexandre Eidelwein (www.kingdomofloss.blogspot.com.br) foi criado em agosto de 2003, com o intuito de ser um meio rápido de deixar seus amigos informados sobre as suas novidades. Alexandre é estudante do curso de Análise de Sistemas da Unisinos e mora em Estrela. Ele posta em seu *blog* desde assuntos acadêmicos até comentários sobre festas e shows. O *weblog* também conta com fotos das reuniões dos amigos. “Sempre ofereci sugestões de livros e bandas, e fiz do meu *blog* um meio de conscientização quanto à preservação da natureza, seja pelo meu outro site, www.exploradoresdovale.com.br, ou por meio de propagandas e incentivos a participar do Care2¹ (www.care2.com/click2donate/)”. Alexandre conta que seu

blog é comentado basicamente pela sua namorada, e eventualmente por algum amigo ou parente. “Várias pessoas acessam o *blog*, mas poucas comentam, o que não ocorre somente com o *blog* em questão”. Mesmo assim, para ele, escrever um *blog* é gratificante, “não só pelo eventual *feedback*, mas por ser um meio de espalhar nossas idéias e pensamentos pelo mundo. Se uma, apenas uma pessoa, conscientizar-se lendo minhas palavras, então todo trabalho de ter feito o *blog* já terá valido a pena”, define.

¹ Care2 é a maior rede *online* destinada aos povos que fazem a diferença em ações comunitárias internacionais, possuindo 4 milhões de membros. Care2 facilita que o internauta ajude ao meio ambiente, aos direitos humanos, à educação, à vida saudável, aos direitos das mulheres, ao bem-estar animal, e outros. (Nota do *IHU On-Line*)



Karla Valesca Lampe é aluna de Direito na Unisinos e criou seu *blog*, porque queria algo que tivesse a sua cara, um lugar onde pudesse se distrair, pensar em outras coisas além da correria do dia-a-dia. “Queria algo que eu pudesse deixar exatamente do jeito que eu quero, que refletisse a minha personalidade, o que penso e sinto”. Karla tem o *blog* alampelife.weblogger.terra.com.br há quase um ano e meio. Ela conta que é difícil de defini-lo, de classificá-lo em algum estilo, porque a cada dia faz algo diferente nele. “Estou sempre mudando o *template*², as imagens, os *links*. Eu coloco o que eu quero e, muitas vezes, o que eu estou a fim no momento, depende do dia e das circunstâncias”. Karla explica a importância de ter um *blog*: “Posso dizer que ele é uma parte de mim”. A jovem costuma postar temas que tenham a ver com ela, mas raramente algo no estilo diário. “Acabo sempre colocando

textos, poemas, letras de músicas das quais eu gosto. Às vezes, eu posto o que eu senti naquele dia, coisas que vi ou que achei importantes”. Karla relata que, normalmente, os comentários que recebe em seu *blog* são do tipo “que bonito o seu *blog*”, mas sempre com anotações a respeito do post, dizendo que o texto é legal ou até que não concordam com o que está escrito. A estudante de Direito gosta de ter um *blog*, porque é um lugar onde ela pode se descontrair e desabafar. “Mantenho o *blog* porque ali eu posso falar o que realmente penso e sinto, sem a necessidade de esconder algum detalhe. É gratificante, porque conheço gente de outros lugares, já fiz amigos por causa do *blog*, porque tem algumas pessoas que freqüentam quase que diariamente o meu *blog* e sempre deixam comentários”. Karla lembra que conheceu pela Internet uma moça de Portugal há um tempo atrás, e hoje uma freqüente a *blog* da outra. Muitas vezes, Karla recebe comentários dizendo o que deveria fazer ou não em seu *blog*. Para ela, o *blog* tem que ser assim mesmo: um espaço onde os outros podem opinar e dar sugestões, onde ela possa alterar o que quiser sem precisar dar satisfações a ninguém por isso. “A expectativa é grande muitas vezes, porque eu nunca sei quem vai comentar e o que essa pessoa vai dizer”. Às vezes, Karla encontra dificuldades em escrever, porque procura sempre postar algo diferente do que já escreveu antes, ou sobre coisas que ainda não escreveu, coisas que aprova ou desaprova, com as quais concorda ou das quais discorda.



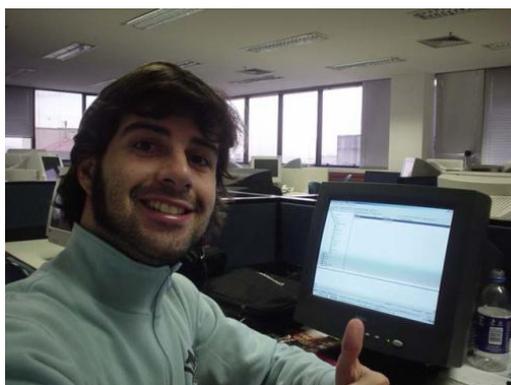
Charles Roberto Pilger, formado em Análise de Sistemas pela Unisinos, onde trabalha como webmaster sênior, atualmente participa da Frente Portal no Projeto Sinergia. O seu *blog* intitulado “Charles? Que Charles?” (www.charles.pilger.com.br) era, no início, uma página pessoal. Ele a criou em 1996, e além de oferecer uma apresentação sobre o autor, tinha algumas seções como música, cinema e informática. “Era um site sem maiores pretensões, atualizado lá de vez em

² *Templates* são folhas de estilo para documentos *HTML*. Definir um *template* significa estabelecer as regras de como os estilos e as formatações do documento fonte serão mapeadas (convertidas) para os *Transit Elements*, e, finalmente, como os *Transit Elements* são mapeados (convertidos) para o formato *HTML*. (Nota do *IHU On-Line*)

quando”, lembra. A mudança para o *blog* veio porque, como todo site onde a atualização é feita sem uma ferramenta de gerenciamento de conteúdo, Charles considerava meio chato fazer novas páginas ali. Assim, no segundo semestre de 2000, o analista de sistemas começou a acessar páginas que, segundo ele, tinham uma aparência estranha, onde havia notas organizadas de forma cronologicamente inversa, de forma que o mais atual ficava sempre em primeiro lugar. Nem tinha noção de que tais páginas se chamavam *weblogs*, mas já se interessou pelo formato, que parecia bastante bom para o tipo de página pessoal informal que ele queria, além de ser muito prático. “Foi quando em janeiro de 2001, transformei o *Charles? Que Charles?* em um *blog* e venho mantendo ele assim desde então, com uma atualização ali, outra acolá, nada com grandes compromissos”. Charles define seu *blog* como uma completa e total perda de tempo que lhe faz “um bem desgraçado”. Na página, ele geralmente fala de música, de bandas que ficou conhecendo, de shows que vão acontecer no Vale dos Sinos ou em Porto Alegre, de filmes que viu, de algum programa de que ouviu falar, de algum *link* “bizarro” que apareceu no seu correio eletrônico ou sobre ele mesmo. “De todos os posts que eu coloco no ar, os que eu acho mais sem graça são justamente esses, de caráter pessoal. Contudo, procuro sempre botar alguma coisa, para daqui, dentro de alguns anos, ler e lembrar que eu era assim, eu vivi isso, como eu era idiota, eu já fui mais esperto, essas coisas”... Os posts de que Charles mais gosta são os sobre música. Quanto aos comentários, ele conta que aparecem de todos os tipos imagináveis. “Os meus preferidos são aqueles que acrescentam informações sobre algo que eu comentei, esclarecendo dúvidas que eu tenho e que outras pessoas mostraram na área dos comentários. O post se torna, assim, um diálogo, não se tem aquela relação passiva que se observa num site de notícia, onde você não pode se manifestar sobre a opinião do colunista e corrigir eventuais falhas do que ali foi escrito”. Os comentários que mais o chateiam são aqueles onde se vê que a pessoa quer só divulgar seu *blog*, como “Gostei do seu *blog*, visite o meu”. “É realmente triste ver que há pessoas que necessitam de audiência a tal ponto para ficar mendigando por isso”. Mas, para Charles, ao final das contas, os comentários geralmente são interessantes, até pelo fato de que mostram que a pessoa que leu se sentiu de alguma forma tocada. “Ninguém comenta sobre algo que não desperta seu interesse. Aliás, deve ser justamente pela falta de coisas realmente interessantes que meu *blog* tem poucos comentários”, diz. Charles salienta que mantém seu *blog*, porque considera divertido. “Ele serve como memória, como agenda, como bookmark, de forma que volta e meia acaba se revelando bastante útil. E escrever é algo agradável, mesmo que seja sobre alguma coisa totalmente *nonsense*”. Ele confessa que não carrega muitas expectativas ao acessar o *blog* diariamente. “Houve uma época que eu ficava supercontente de ver meu *blog* sendo apontado por outro *blog*, vendo comentários, número de acessos, essas coisas. Hoje não. Já é tanto tempo de *blog* que aprendi que o bom mesmo é se divertir com o ato de escrever e com os eventuais comentários”. E completa: “O bom é escrever não esperando comentários. Quem escreve esperando por eles pode se decepcionar muito vendo que ninguém achou o texto tão sensacional assim. E eu já passei por isso”. Charles acrescenta que uma coisa muito conveniente dos *blogs* é que as pessoas criam redes de relacionamentos muito interessantes. Como, no seu *blog*, ele fala bastante sobre música e shows, costuma trocar idéias com outras pessoas que gostam de música e assim fica conhecendo mais temas interessantes.



Juliano Filipe Rigatti estuda na Unisinos desde julho de 2001, e atualmente cursa o 6º semestre de Jornalismo. Ele conta que sempre foi apaixonado pelo curso que tem como base a questão do gosto por todas as coisas, a exigência por uma habilidade para escrever e a questão da formação de realidades por meio do texto, da imagem, ou do som. “Comecei por aí a desenvolver uma forma de dar vazão a idéias sobre as quais, ou eu não conseguia me expressar, ou nunca tinha com quem comentar”. Juliano começou a escrever e seu *blog* *A Uzina* (www.uzina.blogspot.com) foi a solução que encontrou no verão de 2005 para esse tipo de expressão. O aluno de jornalismo argumenta que o nome do *blog* está relacionado com o estilo que o mesmo acabou assumindo: “Um local de produção de textos que utiliza como matéria-prima coisas do cotidiano. Escrevo sobre o que me surpreende, sobre o que me preocupa, sobre o que gosto, sobre contradições e, às vezes, sobre nada também”. Apesar de não ter a dinâmica da maioria dos *blogs* (*posts* constantes), Juliano diz que é disso que a Uzina vem sobrevivendo. “Às vezes, passo semanas sem postar. Quando não falta tempo, falta me convencer de algo que valha a pena ser escrito”. Juliano criou para a Uzina um boletim informativo, chamado *Uzineiro*. Logo depois de postar algo no *blog*, ele costuma mandar um e-mail para os amigos com os *links* dos *posts* e uma sinopse dos textos. “É por aí que chegam os comentários. Normalmente de pessoas bem próximas, discordando ou se declarando partidários da minha opinião; ou de pessoas que leio com surpresa e que até hoje não sei de onde vieram”. A satisfação em manter a Uzina, para Juliano, e o que lhe faz perseverar na idéia, vem de três direções: para satisfazer a necessidade de escrever, pelo fato de poder fazer comunicação para o público diversificado e numeroso da Internet e pelo retorno que um *blog* proporciona. “Quase sempre consigo postar uma edição nova só no final de semana. Por motivos óbvios. Tenho algo quase pronto para o próximo *Uzineiro*, mas quase sempre acabo mudando de idéia”.



Moreno Cruz Osório tem o *blog* www.mosorio.com/weblog/index.php desde a metade de 2002, época em que estudava Informática na Unisinos. Hoje, cursa o 4º semestre de Jornalismo na Universidade. Ele conta que o *blog* surgiu como uma válvula de escape, como uma atividade que lhe trouxe algo além daquilo que ele estudava na faculdade, e que ele gostava e estava sentindo falta na época: escrever e circular por um mundo que já lhe era bastante familiar. “Resolvi fazer meu *blog* para falar sobre mim, para publicar minha opinião sobre o mundo em geral, para fugir do mundo da tecnologia. Eu estava sentindo falta disso, porque sempre gostei de ler, passei a me interessar bastante em escrever e estava inserido em um mundo onde isso é secundário”, lembra. O *blog* de Moreno não foge muito do conceito de *egotrip*, de diário pessoal na Internet. “Eu falo bastante de mim. No começo, não sabia muito bem o que escrever e eu precisava expor os meus pensamentos, nem que fosse para mim mesmo”. Depois, ao longo do tempo, Moreno começou a tentar articular uma proposta diferente de falar sobre coisas que gosta, deixando o “eu” um pouco de lado. “Passei a escrever sobre livros, sobre cinema, sobre situações da vida em geral, isso depois que comecei a estudar Jornalismo. Comecei a usar o

blog também como um treinamento da minha escrita. Isso vale até hoje”. Atualmente, por falta de tempo de conseguir articular um pensamento sobre algum filme ou livro, o *blog* de Moreno voltou a ter o estilo mais parecido com um diário, “porque falar da gente sempre é muito mais fácil e mais rápido”. Ele e seus amigos mantêm um relacionamento virtual, trocando idéias através dos comentários que um faz no *blog* do outro. “É muito bom ter um *blog*, porque gosto de Internet, de ler e de escrever. Como alguém que gosta de informática, um dos meus principais prazeres é criar *blogs*”. Além de ter construído o próprio *blog*, Moreno já fez o *blog* de vários amigos. “Me sinto muito satisfeito em entrar na internet e visualizar um *blog* que tenha a minha cara ou minha influência. É muito interessante ver um texto meu ali sendo lido por outras pessoas. Isso faz com que eu tenha um certo cuidado e me polície, tanto para fazer um texto interessante, que seja agradável para o leitor, quanto para ter uma certa periodicidade, porque, a partir do momento em que tenho um certo número de leitores, mesmo que sejam meus amigos, eu gero uma expectativa de que, durante um determinado período, ou de tanto em tanto tempo, eu devo postar algo novo”, explica. Os comentários feitos no *blog* de Moreno são opiniões das pessoas sobre aquilo que ele escreve. Ele conta que, geralmente, reage de forma muito positiva. E explica: “É muito interessante ver que as pessoas leram e que aquilo que escrevi gerou nelas uma vontade de replicar, de responder, de pensar algo e expressar através de um comentário. Isso produz um sentimento legal de que as pessoas estão tendo uma receptividade boa do que escrevi. Tanto comentários contrários quanto favoráveis são sempre muito positivos. É sinal de que as pessoas lêem e se interessam por aquilo que eu escrevo”. O estudante de Jornalismo visita muitos *blogs*, de todos os tipos. Ele acrescentou à sua lista de leitura diária o *blog* de alguns amigos e, vez por outra, através de *links* nos *blogs* dos seus amigos ou conhecidos, acaba acessando *blogs* mais distantes. “Me interessa tanto pelo que acontece na vida das pessoas que são próximas a mim, quanto pelo que elas escrevem sobre assuntos que elas acham interessante”. Para Moreno, o mérito dos *blogs* está no fato de ele estar se afirmando, na área do Jornalismo, talvez não como uma nova mídia, mas como uma nova ferramenta, cada vez mais popular e com mais credibilidade. “O *blog* está deixando de ser aquele diário da Internet do começo, para se tornar o que as pessoas realmente desejam, podendo usá-lo como quiserem. No jornalismo, o *blog* está se afirmando como algo muito importante que não dá para ignorar”. Moreno lembra que “há muita gente boa usando *blog* para difundir notícias e opiniões com pontos de vista diferentes do que estamos acostumados a ver nas mídias tradicionais. Eu também me aproprio dessa idéia”, encerra, definindo que seu *blog* tem um pouco de tudo: “Não posso dizer que é um *blog* jornalístico”.



Artur Jacobus é professor de Letras na Unisinos e usa seu *blog* (<http://arturjacobus.blogspot.com>) para colocar informações meteorológicas. Ele conta que, embora seja professor de Língua Portuguesa, já trabalhou naquela área e muitos amigos e conhecidos sabem que ele tem acesso a informações sobre a previsão do tempo e condições meteorológicas com um bom índice de acerto. “As pessoas me cobravam um bom site que fornecesse informações sobre o tempo. Então acabei criando um *blog* com um conjunto de *links* que permitisse a elas o acesso a sites com informações sobre o clima bastante confiáveis”, explica. Mas Artur reconhece que esse não é o melhor objetivo de um *blog*. “Eu deveria ter criado um

site, mas o *blog* é tecnicamente muito mais fácil de ser editado. Consigo fazer isso de qualquer lugar do planeta, em qualquer máquina, por isso acabei usando o *blog* para esse fim”. O professor também tem um fotoblog, que é uma variação do *weblog*, onde ele coloca as fotos da sua filha Helena (<http://arturjacobus.fotoblog.uol.com.br>), para que amigos, conhecidos e parentes que moram longe possam acompanhar o crescimento dela e ver fotos atualizadas. A experiência de Artur com o *blog* começou em um curso de educação a distância que a Unisinos ofereceu para professores e do qual fazia parte a criação de um *blog*. “Esse *blog* foi a inspiração, porque eu verifiquei que era muito fácil criar e manter uma página nesse estilo e entendi que podia usá-la não apenas para esse fim do *blog*, mas transformá-lo num site fácil de atualizar”. Artur conta que tem retorno, por meio dos comentários em seu *blog*, de pessoas que ele não conhece, que são amigos ou conhecidos dos seus amigos. “Eu acho legal que ele acaba sendo útil para as pessoas. Esse é o lado positivo de ter um *blog* que eu utilizo e que as outras pessoas também fazem uso. Não tenho ali a expressão da minha opinião, dos meus sentimentos, mas tenho uma relação de *links* que podem ser úteis. O *feedback* é mais nesse sentido, da praticidade, da utilidade do *blog* e menos das minhas idéias. É um *blog/site*”. O fotolog³ com as fotos da filha Helena é mais interativo. “As pessoas mandam comentários sobre as fotos, e isso é novo. Há poucos anos não havia a menor possibilidade disso. O *blog* tem essa característica da criação coletiva. O autor coloca alguma coisa, mas abre para comentários externos. As pessoas que acessam também ajudam a construir o *blog* de alguma maneira”. O professor levanta uma preocupação relacionada com a exacerbada quantidade de *blogs* existentes hoje, ultrapassando o número de 30 milhões no mundo todo. “É muita coisa. Dentre esses tantos, podemos encontrar somente alguns *blogs* interessantes e muitos que podemos não gostar nem um pouco, como *blogs* que expressam opiniões preconceituosas”. Para ele, diante dessa imensidão de *blogs*, a dificuldade está em identificar o que realmente vale a pena ler. “Ter acesso a tantas coisas é positivo, mas é difícil filtrar. O desafio é separar o joio do trigo”, finaliza.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“NÓS, USUÁRIOS DA REDE, ESTAMOS DESCOBRINDO QUE OS MEIOS SOMOS NÓS MESMOS” Entrevista com José Luis Orihuela

*José Luis Orihuela é argentino, residente na Espanha, professor na Universidade de Navarra e autor do weblog eCuaderno (www.ecuaderno.com). Orihuela é jornalista, doutor em Ciências da Informação, pela Universidade de Navarra, licenciado em Ciências da Informação. Tem atividade acadêmica em 22 países da América e Europa. É autor de **Manual de Diseño de Proyectos de Comunicación Interactiva** (no prelo). **Comunicar para crear valor. La dirección de comunicación en las organizaciones**. Pamplona: Eunsa, 2004. **El futuro de la televisión en España. Análisis prospectivo 2000-2005**. Madrid: Facultad de Comunicación de la Universidad de Navarra, 2000. O professor pesquisa principalmente as linhas de impacto social das novas tecnologias (sociedade/cultura/educação/comunicação) e os novos modos e novos meios de comunicação (ficção interativa/informação interativa/educação interativa). A entrevista foi concedida ao **IHU On-Line** por e-mail.*

³ Fotolog é um *blog* de fotos, contendo cada post uma foto. Existem diversos sites gratuitos, prontos para hospedagem de fotologs. O site do UOL usa a nomenclatura *fotoblog*. (Nota do **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Quantos blogs, aproximadamente, há na atualidade? O que mais atrai nesta linguagem da web?

José Luis Orihuela - Segundo o estudo da consultoria Perseus "The Blogging Geyser" (<http://www.perseus.com/blogsurvey/geyser.html>), divulgado em abril de 2005, estima-se que existem, na atualidade, 31.6 milhões de *weblogs* e se prognosticam 53.4 milhões para o final de 2005. O popular serviço de rastreamento de *weblogs* Technorati (<http://www.technorati.com/>) indexa diariamente as histórias publicadas em 10.8 milhões de *weblogs*, o que representa 1.177 milhões de *links*. Por sua vez, *bloglines* (<http://www.bloglines.com/>) o leitor online de fontes RSS⁴ mais utilizado, indexa 480 milhões de histórias. O ritmo de crescimento da blogosfera global é tal que a quantidade de *weblogs* se duplica a cada seis meses. Os *weblogs* são um meio originário da Web, possivelmente o primeiro meio nativo dela. Ainda que posteriormente tenham sido assimilados a diários pessoais, no início, a base foi o *link: links* com um breve comentário. Jorn Barger, que criou o termo *weblog* em 1997, mantém o estilo original em seu famoso Robot Wisdom (<http://www.robotwisdom.com>). O lançamento do serviço de edição e publicação de blogs, chamado *blogger*, em agosto de 1999, mudou o panorama, e os *blogs* que veiculam informações diversas ficaram em minoria frente aos de tipo "diário pessoal". Hoje, os *blogs* do tipo filtro se transformaram em *blogs* temáticos, e a multiplicação de ferramentas de edição e publicação potencializou os *blogs* autobiográficos. A principal inovação dos *weblogs* consistiu na simplificação e centralização das três grandes barreiras de entrada que impediam que o usuário comum da Internet pudesse converter-se em produtor de conteúdos: o acesso a um servidor, o domínio da linguagem HTML e umas destrezas mínimas de desenho gráfico. Os serviços de edição e publicação de *weblogs* resolvem, de um modo singelo e intuitivo, estes obstáculos técnicos e ajudam o usuário a concentrar-se no que realmente lhe interessa: elaborar e compartilhar conteúdos. Uma das características básicas do meio é que consegue fazer quase totalmente transparente o processo de publicação na Internet, e praticamente simultâneo com a escrita. Estes traços se traduzem na informalidade, a espontaneidade e o caráter pessoal, às vezes íntimo, do estilo dominante nos *blogs*. As razões pelas quais as pessoas escrevem *blogs* são tão variadas como as que definem a escrita em outros meios: necessidade de expressão, afã de compartilhar saberes, desejo de integração numa comunidade, busca de reconhecimento, exploração criativa, participação política, defesa de interesses, ou simples exposição. Todas as revoluções midiáticas geram uma mitologia e se vendem socialmente como uma promessa, que costuma responder ao paradigma "uma solução à procura de um problema". Os *weblogs* não são a exceção. Um meio com barreiras de entrada muito baixas é uma boa notícia, pois possibilita a qualquer um publicar, e, pela mesma razão, é uma má notícia: multiplica-se o ruído e se torna cada vez mais difícil encontrar conteúdos de qualidade. A razão é muito singela: usar uma máquina de escrever não o torna um escritor.

IHU On-Line - Como os weblogs influenciam nos meios de comunicação mais tradicionais?

⁴O RSS é um formato padronizado mundialmente, que funciona com linguagem XML (Extensible Markup Language), e é usado para compartilhar conteúdo Web. Ele permite, por exemplo, que o administrador de um *site* de notícias crie um arquivo XML com as últimas manchetes publicadas, a fim de compartilhá-las mais rapidamente com seus leitores. Este arquivo poderá ser lido através de qualquer ferramenta que seja capaz de entender o formato XML do RSS. (Nota do IHU On-Line)

José Luis Orihuela - Creio que os *weblogs* e os meios tradicionais têm funções diferentes, são complementares e fazem parte de uma renovada paisagem midiática na qual os usuários da Internet se converteram em geradores de conteúdo e em vigilantes dos meios clássicos. Os *weblogs* não são usados para fazer jornalismo por serem *weblogs*, mas quando se decidem a fazê-lo, podem tornar-se melhores do que os meios tradicionais. O meio *weblog* pode ser suporte de jornalismo, de literatura ou de qualquer outro gênero, mas não é jornalismo ou literatura pelo fato de estar publicado em formato *weblog*. Em todo caso, a questão chave aqui não é se os *weblogs* são utilizados para fazer jornalismo, senão o que é o jornalismo. A redefinição do jornalismo e da função social dos meios é um dos mais importantes efeitos da revolução dos *weblogs*. A grande tendência global emergente que chamamos Meios Sociais é possivelmente a revolução midiática mais relevante desde o estabelecimento da tipografia de Gutenberg no século XV. Hoje a Internet, graças aos *weblogs* e outras formas de publicação pessoal, converteu cada computador conectado à rede numa tipografia. "A tipografia do século XXI", segundo Piscitelli⁵.

Os trabalhos pioneiros de Dan Gillmor⁶ *We the Media. Grassroots Journalism by the People, for the People* e de Chris Willis e Shayne Bowman,⁷ *We Media. How audiences are shaping the future of news and information*, acertaram em sublinhar o fator central deste novo cenário: as audiências, o público, as pessoas, são os novos atores na obra da comunicação pública, que já não está protagonizada exclusivamente pelos meios estabelecidos e os comunicadores profissionais. Os meios tradicionais se enfrentam, com cada revolução tecnológica, à desafiadora tarefa de reinventar-se para sobreviver. A profissão jornalística compartilha hoje o espaço público com cidadãos que, valendo-se dos Meios Sociais, fazem ouvir sua voz, sua crítica, sua opinião e seus interesses com uma intensidade que já não pode ser dissimulada. As exigências associadas à formação acadêmica dos comunicadores se redobram, e as dimensões éticas de seu trabalho constituem o fundamento de uma identidade profissional que ficou definitivamente separada dos meios. Hoje os meios somos todos nós, mas jornalistas somente alguns.

IHU On-Line - Que experiências de blogs mais significativas poderiam ser citadas como sistema de controle e crítica dos poderes públicos e dos meios de comunicação?

José Luis Orihuela - A segunda guerra do Iraque impulsionou os *weblogs* como fonte alternativa de informação e opinião em relação aos meios tradicionais, cujos correspondentes embarcaram junto com as tropas. Um arquiteto escreveu da periferia de Bagdá sua crônica pessoal e cotidiana que consegue difundir na escala universal um retrato da guerra cheio de sentido comum, humor, ironia, raiva e textura não-convencional. Os meios começaram a descobrir, então, que algo tinha mudado para sempre. A influência de um *weblog* depende de sua popularidade medida em visitas e (e, às vezes, de modo mais significativo) pela quantidade

⁵ Alejandro Piscitelli é Professor de Filosofia, especialista em Novas Tecnologias da Informação na Universidade de Buenos Aires. (Nota do *IHU On-Line*).

⁶ Dan Gillmor, jornalista e *blogger* estadunidense. É autor do livro *We the Media: Grassroots Journalism By the People, For the People*, publicado pela editora O'Reilly & Associates em 2004. (Nota do *IHU On-Line*)

⁷ Shayne Bowman e Chris Willis dirigem a firma consultora de meios e desenho Hypergene. Os autores estadunidenses abordam questões sobre jornalismo participativo no livro citado pelo entrevistado: *We Media. How audiences are shaping the future of news and information* (Nós, o meio. Como as audiências estão modelando o futuro das notícias e da informação). (Nota do *IHU On-Line*)

de *links* de acesso que recebe e, em conseqüência, pelo valor que lhe atribuem os buscadores. Não obstante a capacidade deste meio para alterar tendências políticas não me parece diferente da dos meios tradicionais, assunto extensamente estudado pela teoria da dissonância cognitiva⁸. Coletivamente, a *blogosfera* constitui um bom sistema para medir a opinião dominante na Internet sobre quase todos os temas e, ao mesmo tempo, se converteu num indicador da relevância das notícias e opiniões publicadas pelas versões eletrônicas dos meios tradicionais. A *blogosfera* está se convertendo num sistema de controle e crítica dos meios tradicionais e na caixa de ressonância da opinião política da rede.

IHU On-Line - Em um tempo de hiperindividualismo, como caracterizaria a comunidade de *bloggers*? Há uma cultura *blogger* específica, sendo os *weblogs* tão variados, podendo ir desde espaços de extrema intimidade a espaços profissionais de atualidade e crítica social, política e econômica?

José Luis Orihuela - Um dos elementos distintivos do *weblog* como meio é sua integração numa série de redes, *blogosferas* ou comunidades, formadas por aqueles que se lêem e se lincam de modo recíproco. As comunidades virtuais geram vínculos reais entre seus membros e constituem um modo de relação social com projeções educativas, políticas, econômicas e, é claro, jornalísticas. Igualmente ao que ocorre no mundo real, também na Internet, e especialmente na *blogosfera*, os usuários pertencemos a numerosas comunidades. A primeira filiação comunitária do *blogger* é a lingüística: o meio é escrito, de maneira que a língua compartilhada é um parâmetro inevitável. Em segundo lugar, a *blogosfera* é um meio com uma forte tendência auto-referencial: os *bloggers* que se lêem entre si diariamente e que se lincam de forma recíproca, acabam formando comunidades virtuais reforçadas por outros meios *online* como o correio eletrônico, a mensagem instantânea, as redes virtuais e os *blogs* grupais e comunitários. Em terceiro lugar, destacaria o fenômeno das agrupações de *bloggers* em função das cidades nas quais vivem, pois já há um bom repertório de portais e canais temáticos baseados em cidades. Entre os traços da cultura *blogger* destacaria a paixão por escrever a respeito do que nos agrada, a liberdade de gerir de forma pessoal um meio público sem editores, a solidariedade para as causas sociais, a defesa dos direitos individuais, o interesse pela informação, o gosto pela polêmica, a relação amor/ódio com os meios tradicionais, o culto à tecnologia, o acesso ao software livre e a decidida promoção de novas formas de entender e gerir os produtos das indústrias culturais e seus direitos associados.

IHU On-Line - De que forma os *blogs* estão quebrando, efetivamente, o monopólio do jornalismo clássico sobre a difusão de informação e opinião na escala mundial?

José Luis Orihuela - O *weblog* é um meio com mais de cinco anos de história, mas que transcendeu de forma generalizada ao âmbito midiático em razão da guerra do Iraque e o caso

⁸ Dissonância cognitiva é uma teoria sobre a motivação humana que afirma ser psicologicamente desconfortável manter cognições contraditórias. A teoria prevê que a dissonância, por ser desagradável, motiva a pessoa a substituir sua cognição, atitude ou comportamento. Foi explorada detalhadamente, pela primeira vez pelo psicólogo social Leon Festinger, que assim a descreveu: Dissonância e consonância são relações entre cognições, ou seja, entre opiniões, crenças, conhecimentos sobre o ambiente e conhecimentos sobre as próprias ações e sentimentos. Duas opiniões, ou crenças, ou itens de conhecimento, são dissonantes entre si quando não se encaixam um com o outro, isto é, são incompatíveis. Ou quando, considerando-se apenas os dois itens especificamente, um não decorrer do outro (Festinger 1956, p. 25). (Nota do *IHU On-Line*)

de Salam Pax⁹ e os *warbloggers* americanos. Os atentados do 11 de setembro e do 11 de março¹⁰, o desastre do Prestige¹¹, as eleições americanas e a catástrofe do tsunami no sudeste asiático são alguns dos acontecimentos que projetaram ao espaço público a atividade dos *bloggers*. As ferramentas como o News Talk de Technorati¹² (<http://www.technorati.com/live/breakingnews.html>) ou o Politics de Feedster¹³ (<http://politics.feedster.com/>) facilitaram o acesso dos meios à grande conversa global que representa a *blogosfera*. As funções dos *weblogs* no novo cenário comunicativo são múltiplas: são um filtro social de opiniões e notícias, um sistema de alerta, controle e crítica dos meios, um fator de mobilização social, um novo canal para as fontes reconvertidas em meios, um novo formato aplicável nas versões eletrônicas dos meios tradicionais para coberturas mais longas, catástrofes e acidentes, um gigantesco arquivo que opera como memória da Web, o alimento privilegiado dos buscadores por sua renovação constante e sua alta densidade de *links* de entrada e saída, e, finalmente, são o grande encontro de múltiplas comunidades, cuja ancoragem comum é o conhecimento compartilhado. Os *weblogs* dão aos leitores o poder de publicar, o que antes era exercido de forma exclusiva pelos meios. Um meio potencialmente universal como o *weblog*, com uma entrada muito rápida e a baixo custo (pode-se abrir um *blog* em três minutos e de forma gratuita), encabeça, de imediato, o problema da credibilidade. A credibilidade funciona nos *weblogs* de modo similar aos outros meios: no caso de autores com uma identidade real e com prestígio profissional fora da *blogosfera*, sua autoridade se projeta sobre o que escrevem no *weblog*. No caso de autores anônimos ou que usam pseudônimos, a autoridade é atribuída a eles em função da qualidade dos conteúdos que produzem de modo regular. O anonimato costuma utilizar-se para proteger a privacidade do autor, ainda que também possa ser um modo de mascarar os interesses que o levam a escrever. Pessoalmente, prefiro ler *weblogs* de autores que não ocultam sua identidade: preciso saber quem escreve e de onde escreve (num sentido geográfico, profissional, ideológico, etc.).

IHU On-Line - O que pode ser previsto em relação ao futuro dos *weblogs*? A partir deles, vão surgindo novas tendências?

José Luis Orihuela - Entre as tendências, destacaria a flexibilização do formato e sua paulatina transparência (entenderemos o *weblog* como um tipo de Content Management

⁹ Causou sensação o *blog* de um indivíduo de Bagdá narrando, em inglês, o cotidiano de sua cidade debaixo da guerra. Assinava-se Salam Pax (paz, em árabe e latim), e, devido à alta qualidade de seu texto, muitos duvidaram de sua autenticidade. O jornal britânico **The Guardian** começou a publicar com o maior sucesso os *blogs* de Salam Pax. Passada a invasão e chegada da ocupação, Salam Pax se revelou parcialmente em entrevista onde não deu o nome verdadeiro ou se deixou fotografar. O *blog* foi traduzido para o português pelo escritor gaúcho Daniel Galera, entrevistado nas próximas páginas. (Nota do **IHU On-Line**).

¹⁰ Refere-se aos atentados terroristas acontecidos em 11 de março de 2004, em Madrid, Espanha. (Nota do **IHU On-Line**)

¹¹ A organização ecologista Greenpeace registrou 1.137 praias poluídas pela maré negra, causada pelo naufrágio do petroleiro Prestige em novembro de 2003. (Nota do **IHU On-Line**)

¹² Site que aborda diversos aspectos do mundo dos *weblogs* <http://www.technorati.com>. (Nota do **IHU On-Line**)

¹³ Feedster é um site que redefine a busca na Internet, fornecendo rapidamente a informação desejada, oportuna e significativa aos consumidores. (Nota do **IHU On-Line**)

System¹⁴ com múltiplas aplicações além do diário pessoal, e falaremos menos do meio e mais de seus conteúdos). Terá uma crescente integração entre *weblogs*, *wikis* e agregadores¹⁵, e o RSS se converterá num formato padrão de distribuição de conteúdos de texto, áudio e vídeo. Creio que os *weblogs* têm futuro como meio, e que não se trata de uma moda passageira. A democratização do acesso à rede e a universalização de seu alcance fazem parte da filosofia inicial da Internet e da Web. Os *weblogs* permitem que as promessas da Internet possam converter-se em realidade. Os *weblogs* e outras ferramentas de software social (como as redes sociais virtuais) e de autogestão de conteúdos (como os *wikis* e os agregadores) estão contribuindo, de maneira decisiva, para a transformação da World Wide Web na World Live Web: a zona mais dinâmica, original, interessante e viva da rede. Nós, usuários da rede, estamos descobrindo que os meios somos nós mesmos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

NOVAS ESCRITAS DE SI: ENTRE O ABSOLUTAMENTE PÚBLICO E O EXTREMAMENTE PRIVADO

Entrevista com Paula Sibilia

Paula Sibilia é argentina, graduada em Antropologia e em Ciências da Comunicação, pela Universidade de Buenos Aires (UBA), é mestre em Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente, é doutoranda em Saúde Coletiva pela UERJ e em Comunicação pela UFRJ. A pesquisadora é autora de O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. De Paula Sibilia publicamos uma entrevista na 90ª edição do IHU On-Line, de 1º de março de 2004. A entrevista que segue foi concedida ao IHU On-Line por e-mail.

IHU On-Line - O que caracteriza as novas "narrativas do eu" feitas na Internet?

Paula Sibilia - Em primeiro lugar, devo frisar que se trata de um fenômeno complexo e bastante recente, essa súbita aparição dos *blogs* confessionais¹⁶ na Internet, além dos fotologs e das câmeras de vídeo que transmitem "cenas da vida privada" dos usuários do mundo inteiro. Portanto, é um novo hábito que ainda está em formação e, como costuma acontecer nestes ambientes, provavelmente já esteja imerso em um processo de veloz mutação. Em meio a toda essa riqueza e diversidade, há um aspecto que chamou especialmente a minha atenção, sobre o qual resolvi me debruçar na minha pesquisa de doutorado (na Escola de Comunicação da UFRJ, iniciada em março de 2003). Esse ponto é o seguinte: a peculiar inscrição destas novas práticas na fronteira entre o extremamente privado e o absolutamente público. Como explicar o curioso fato de que as novas modalidades de diários "íntimos" sejam expostas aos milhões de

¹⁴ Content Management System (CMS) é o programa que oferece um sistema de gerenciamento de conteúdo para elaboração e manutenção de páginas na Internet. Cada usuário escolhe o CMS mais conveniente, conforme o caso. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁵ *Wikis* e agregadores são ferramentas de conteúdo na Internet assim com os *weblogs*. *Wiki* é uma coleção de páginas interligadas e cada uma delas pode ser visitada e editada por qualquer pessoa. Wiki é, hoje, a forma mais democrática e simples de qualquer pessoa, mesmo sem conhecimentos técnicos, contribuir para os conteúdos de uma página Web., por exemplo, o site da Wikipedia (enciclopédia livre). Agregador é um programa específico que permite que o usuário faça a leitura das informações geradas pelos sites escolhidos por ele. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁶ A antropóloga usa a expressão *blogs confessionais* para designar os blogs que possuem um estilo próximo ao diário pessoal. (Nota do *IHU On-Line*)

olhos que têm acesso à Internet? Essa exposição pública da intimidade é apenas um detalhe sem importância das novas “escritas de si”, que seriam meras versões renovadas dos antigos diários íntimos? Ou se trata, pelo contrário, de algo radicalmente novo? Essas são as questões que mais me interessaram nestes novos fenômenos, e que nortearam a minha pesquisa.

IHU On-Line - Que relações podem ser feitas entre a prática do diário íntimo e dos blogs com a época em que ambos surgiram?

Paula Sibilia - Trata-se de duas épocas bem diferentes, com projetos históricos distintos (socioculturais, políticos e econômicos) que estimularam a produção de certos tipos de corpos e subjetividades — tipos bastante diferenciados em cada uma dessas sociedades. Assim, creio que os diários íntimos tradicionais expressam a sensibilidade e certos atributos dos “modos de ser” que foram hegemônicos na modernidade industrial. Por sua vez e de um modo comparável, os *blogs* confessionais, os *photoblogs* e as *webcams* de hoje em dia exprimem certas tendências subjetivas tipicamente contemporâneas. Apesar das evidentes semelhanças, cada uma dessas práticas possui sentidos bastante distintos, necessariamente articulados às sociedades que as acolheram e as fizeram crescer. Assim, por exemplo, os diários íntimos do século XIX e inícios do XX eram cartas remetidas a si mesmos pelos seus autores, fundamentalmente secretas e introspectivas, pois pretendiam mergulhar na própria interioridade para desvendar suas obscuras profundezas. Já os “diários íntimos” da Internet, ao contrário, parecem verdadeiras cartas-abertas com vocação exteriorizante, pois tanto seus objetivos como seus sentidos são outros: apontam para a visibilidade e a construção de si diante do olhar alheio.

IHU On-Line - Há uma tendência de diversas mídias (muito marcante na TV) e presente também nos blogs de expor “confissões”, ou tornar visíveis aspectos problemáticos ou não, mas sempre bastante íntimos. A que atribui esse fenômeno?

Paula Sibilia - Atribuo esse fenômeno a uma mudança na idéia de intimidade, pois creio que esse conceito está atravessando fortes turbulências. Vejamos: o que entendemos por intimidade? Basicamente, a palavra alude àqueles âmbitos da existência que antes eram conhecidos de maneira inequívoca como privados. Entretanto, como você aponta, são vários os indícios de que essa noção estaria se desmanchando, deixando de ser um território onde imperavam (e *deviam* imperar) o segredo e o pudor. Cada vez mais, ao contrário, essa esfera “íntima” se converte em um palco onde cada um pode (e *deve*) encenar o show de sua própria personalidade. Assim, os limites do que se pode dizer e do que se pode mostrar vão se alargando, enquanto a esfera da intimidade se exacerba sob a luz de uma visibilidade que se deseja total, pois entende-se que seja precisamente a visibilidade a encarregada de legitimar e até mesmo *realizar* a própria existência. Assim, a espetacularização da intimidade mais trivial e cotidiana tem se tornado habitual, colocando em prática todo um arsenal de técnicas de estilização da própria personalidade e das experiências vitais para “ficar bem na foto”. As receitas mais efetivas provêm dos moldes narrativos e estéticos da tradição cinematográfica, televisiva e publicitária, que são apropriados por novos gêneros como os *blogs*, *photoblogs* e *webcams*.

De forma concomitante a esses processos, aqueles âmbitos tradicionalmente conhecidos como públicos vão se esvaziando e são tomados pelo silêncio. Nesse contexto, as “tirânicas da

intimidade” denunciadas pelo sociólogo Richard Sennett¹⁷ ganham novo fôlego, pois o catálogo de táticas midiáticas e de marketing pessoal não deixa de se renovar e crescer, desorbitando o escopo da antiga esfera íntima e acentuando o já avançado “declínio do homem público”, anunciado por Sennett já em 1974¹⁸. As antigas definições não emergem ilesas de todos estes processos, pois estão perdendo nitidez as fronteiras que costumavam separar ambos os espaços onde transcorria a existência moderna — a esfera pública e o âmbito privado. Assim, as velhas categorias enfrentam sérios desafios, demandando novas interpretações.

IHU On-Line - Quem são os usuários de *blogs*? Poderia ser traçado mais ou menos um perfil da população que escreve seus diários íntimos?

Paula Sibilia - De acordo com as pesquisas que tenho realizado, esse perfil é amplo e variado, não muito diferente do perfil médio do usuário da Internet. Em sua maioria, trata-se de pessoas jovens de ambos os sexos; é claro que o fato de terem acesso regular à Internet já delimita um determinado nível socioeconômico e cultural. É interessante destacar a forte incidência do fenômeno no Brasil, o país do mundo que possui mais usuários de fotologs (56 %) ¹⁹ e do sistema Orkut (62 %) ²⁰, superando amplamente todos os demais. Outro dado interessante é o alto índice de abandono destas práticas, apesar do persistente crescimento, por exemplo, dos 4,12 milhões de *blogs* criados nos principais serviços de hospedagem do mundo até 2003, 2,72 milhões (ou 66%) estavam praticamente abandonados nessa data, pois não tinham sido atualizados nos últimos dois meses. A média de atualização dos *blogs* confessionais é de 14 dias. Apenas 106,5 mil são atualizados pelo menos uma vez por semana, e menos de 50 mil o fazem diariamente. No entanto, os “diários íntimos” da Internet continuam a ser criados com uma velocidade que supera amplamente a do abandono: 3,3 milhões de *blogs* estariam ativos no final de 2003, enquanto 1,7 milhão foram abandonados no mesmo período. Se, no final de 2000, o total no planeta não ultrapassava os 135 mil, no início de 2004 já existiam cinco milhões de *blogs* deste tipo, e um ano mais tarde seriam cerca de dez milhões. ²¹

IHU On-Line - Pode se falar em uma busca de interioridade, embora seja em um ambiente extremamente público? Ou os *blogs* têm um efeito contrário de exibir a intimidade sem refletir sobre ela?

Paula Sibilia - Eu diria que se trata de outro modelo subjetivo, uma nova modalidade, cada vez mais distante daquele paradigma moderno do “homem sentimental” que preservava e cultivava todos seus segredos íntimos, enquanto construía sua identidade a partir de um eixo situado em sua “vida interior”. Em oposição a essas vertentes mais antigas, os novos gêneros

¹⁷ Richard Sennett é autor do importante livro *A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁸ Cf. SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: Tirania da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Nota da entrevistada)

¹⁹ “Hoje, 6 de fevereiro, existem cerca de 300 mil fotologs, dos quais 170 mil brasileiros, cerca de 56% do total. Em comparação, os fotologs americanos são apenas 20 mil, meros 6%”. Os Brasileiros e Os Fotologs. *Tribuna da Imprensa online*. Rio de Janeiro, 06/02/2004. <http://www.tribuna.inf.br>. (Nota da entrevistada)

²⁰ “Os paquistaneses compõem a quarta nacionalidade no sistema, com 2,96% das pessoas; os indianos, tradicionais rivais, são 2,41%. No mais, a ordem continua como está há muito tempo: Brasil (62,09%), EUA (10,86%) e Irã (7,73%)”. DORIA, Pedro. *Orkutianas*. *No Mínimo*. Rio de Janeiro, 17/01/2005. <http://www.nominimo.com.br>. (Nota da entrevistada)

²¹ “Blogs vivem fase de calmaria, revela pesquisa”. *IDG Now!*, 26/11/2003. Mais informações em <http://www.perseus.com/blogsurvey>. (Nota da entrevistada)

autobiográficos que proliferam na Internet sinalizam a emergência de outros modos de ser, formas subjetivas mais “adequadas” ao projeto histórico da nossa sociedade, pois as novas tendências impelem ao abandono dessa subjetividade interiorizada, para desenvolver outras formas de ser: exteriorizadas, voltadas para a visibilidade, capazes de mostrar na pele (e nas telas) o que cada um é.

IHU On-Line - O imperativo da visibilidade, tão sintomáticos em *reality shows*, entre outras tantas expressões, aponta para um certo declínio da interioridade psicológica e da subjetividade?

Paula Sibilia - Trata-se de uma transição, que, atualmente, estaria em pleno andamento. É óbvio que ainda persistem, em nossa subjetividade, várias características do modelo moderno, porém novos fatores emergem e o colocam em questão. Resumindo, poderíamos dizer que a valorização da “vida interior” está perdendo força como o principal eixo em torno do qual as subjetividades são construídas. Cada vez mais, a “verdade” sobre o que cada um é se desloca desse âmago secreto e íntimo, para aflorar na pele, passando a ser exibida na superfície visível do corpo. E, no caso mais específico destes exemplos da Internet, passa a ser escancarada nas telas do mundo. Em vez de demandar e alimentar um olhar introspectivo, estimula-se uma certa “espetacularização do eu” com recursos performáticos.

Mas não é apenas essa introspecção e a interrogação hermenêutica na própria interioridade que perde vigor; além disso, o olhar retrospectivo também decai nestas novas práticas auto-referentes. Tudo isso pode ser observado em contraste com as formas modernas de registrar a memória do vivido: do diário íntimo à psicanálise, do romance clássico às autobiografias românticas, pois nas novas modalidades dos *blogs*, *fotologs* e *webcams*, o passado também parece estar deixando de ser um alicerce fundamental da subjetividade. Portanto, não é só a profundidade sincrônica do eu que está sendo desafiada (o espaço da “interioridade”), mas também a sua coerência diacrônica (sua ancoragem no tempo “passado”). Embora ainda permaneçam e continuem a sustentar as subjetividades contemporâneas, esses fatores estão perdendo peso na definição do que cada um é. De acordo com as descobertas da minha pesquisa, as “escritas de si” que germinam na Internet permitem indagar, de maneira privilegiada, essas importantes mutações na definição do que cada um é.

IHU On-Line - Algum outro aspecto que não foi perguntado e considere importante acrescentar?

Paula Sibilia - Gostaria de esclarecer que se trata de questões fortemente políticas. Embora possa não parecer à primeira vista, os modos de subjetivação vigentes, em cada época, expressam determinados projetos históricos. Por isso, é nesse sentido que devemos entender esta complexa problemática. Por um lado, parece óbvio que já se foram aqueles tempos que instavam à escrita minuciosa de diários íntimos na solidão do “quarto próprio” e ao estabelecimento de densos diálogos epistolares, alimentados pela distância e pelos ritmos cadenciados de outrora. Nesses textos íntimos e “privados”, as interioridades dos autores eram pacientemente vertidas, zelosamente cultivadas e pudicamente protegidas. Apesar de seu evidente parentesco com tais práticas, portanto, os *blogs*, *fotologs* e *webcams* que hoje inundam a Internet (bem como os e-mails e os chats que os atravessam e sustentam) assinalam outros processos e inauguram outras tendências, revelando a emergência de novos modos de ser: subjetividades afinadas com uma formação histórica cada vez mais distante daqueles tempos. E cada vez mais próximas de outras demandas: forças novas que incitam a fazer do próprio eu um *show*. Como sugeriu o filósofo Gilles Deleuze ao concluir seu famoso

ensaio *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*, redigido em 1990: cabe aos jovens descobrir “a que estão levados a servir”, assim como seus bravos antecessores delataram “não sem esforço” os cruéis mecanismos da sociedade moderna e industrial.²²

[\(Voltar ao índice\)](#)

A BLOGOSFERA: UMA FERRAMENTA ESSENCIAL PARA A NOTÍCIA

Entrevista com Marcos Palácios

Marcos Palácios é professor da UFBA. Sociólogo e doutor em Sociologia pela Universidade de Liverpool, Inglaterra, é pós-doutor pela Universidade de Aveiro, Portugal. É autor de *Manual de Jornalismo na Internet*. Salvador: FACOM/UFBA, 1997; *Janelas do Ciberespaço: Comunicação e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2001; e *Modelos de jornalismo digital*. Salvador: Calhandra/Edições GJol, 2003. A entrevista foi concedida ao *IHU On-Line* por e-mail.

IHU On-Line - Como os *blogs* influenciam o jornalismo tradicional, de cunho mais fordista? Qual pode ser a tendência da informação, a partir da criação de *blogs* de notícias permanentemente atualizados?

Marcos Palácios - Creio que os *blogs* estão influenciando o jornalismo tradicional principalmente de duas maneiras: a) por um lado, os jornalistas estão crescentemente utilizando *blogs* como fonte de informações, para conseguir pistas e indicações que possam levar a matérias mais ampliadas, ter diversidade de pontos de vista, recolher comentários de outros jornalistas sobre um determinado assunto; b) os *blogs* começam a ser incorporados (e talvez se possa dizer "domesticados") no próprio corpo da grande imprensa, como no caso do *Newsblog*, do *The Guardian* e dos *blogs* do jornal *O Globo*, dentre muitos outros. Essas utilizações são diferenciadas em distintos veículos e vale a pena monitorar que tipos de usos iremos ter daqui para a frente.

IHU On-Line - Qual foi a real influência dos *weblogs* durante a cobertura de guerras como a do Iraque, ataques do 11 de setembro e do 11 de março e outras situações de grande conflito?

Marcos Palácios - Mais que uma grande influência nas coberturas, creio que a associação entre os *blogs* e as situações de guerra e conflito funcionou como um elemento para chamar a atenção de muita gente para a existência de uma blogosfera em rápido crescimento e para as potencialidades de sua utilização jornalística, tanto como ferramenta de apuração, como escoadouro alternativo para informações que, por qualquer razão, não poderia ser incorporada à cobertura oferecida pelos veículos tradicionais. Não devemos nos esquecer também de mencionar que a disseminação dos *blogs* constitui mais em um elemento a se contrapor à possibilidade de censura, fortalecendo o conceito da Internet como espaço polifônico, descentralizado e, portanto, de controle praticamente impossível.

²² DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 209-26. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - Como este novo espaço ou ferramenta altera a concepção de notícia e a forma em que as pessoas as produzem e consomem?

Marcos Palácios - Os *blogs* são uma forma diferente de consumir informação, seja ela jornalística ou de outro tipo. Afinal, a grande maioria dos *blogs* não pode ser classificada como "jornalística". Há *blogs* de todos os tipos e sobre todos os assuntos (nesse sentido eles replicam a variedade que observamos nas Listas de Discussão). Sendo assim, é certo que existe um consumo direto de notícias produzidas e veiculadas em *blogs*, mas há também (e talvez principalmente) a crescente consciência por parte dos jornalistas de que a blogosfera é uma ferramenta essencial para seu trabalho cotidiano de mineração de notícias, apuração, investigação etc.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“É HORA DE REPENSAR OS CURSOS DE COMUNICAÇÃO”

Entrevista com Pedro Doria

Pedro Doria estudou jornalismo na UFRJ, escreve no site no mínimo (www.nominimo.com.br) e é colunista da Revista da Folha de S. Paulo. Publicou, em 1995, o Manual para a Internet. Rio de Janeiro: Revan, 1995, primeiro livro brasileiro sobre a rede. A entrevista foi concedida ao IHU On-Line por e-mail.

IHU On-Line - Como surgiu a idéia de fazer um blog de notícias?

Pedro Doria - Não surgiu. Foi apenas a coisa natural a fazer. O *weblog* do *no mínimo* tem um bocado a ver com a coluna que assinei em NO, uma coluna que herdei do Arthur Dapieve. A coluna se chamava *O que há e*, todos os dias da semana, apresentava comentários sobre artigos publicados na rede. A diferença do *weblog* é que ele não é uma coluna que sai pronta, com várias notas: os *posts* vão surgindo ao longo do dia, mas o *weblog* é também um *blog* fiel ao termo. *Weblog* quer dizer um *daily log*, o diário de bordo dos capitães de navio, em que o dia-a-dia da navegação era narrado. As grandes descobertas dos séculos XV e XVI foram contadas nestes diários de navegação, muito mais valiosos e precisos por suas indicações, na época, do que quaisquer mapas que existissem. *Weblog* é um diário de navegação na web, os *links* visitados no dia são acrescentados de comentários. O sentido original da palavra talvez tenha se perdido, mas assim nasceram os *blogs*. E é isso que faço.

IHU On-Line - Com base em sua experiência no jornalismo, que mudanças pode constatar entre o fazer jornalístico de décadas anteriores e o atual?

Pedro Doria - A diferença é o retorno do leitor. O leitor está muito mais presente, instantaneamente, comentando, discordando, apontando erros. Muitas vezes, ele está errado. Outras tantas, está certo. Jornalistas têm de descer do pedestal.

IHU On-Line - O seu blog é um dos mais atualizados e lidos, permitindo seus próprios comentários e os comentários de quem acessa o blog, rompendo com o “mito” da neutralidade jornalística. O senhor imaginava que seu blog iria tomar essas dimensões? Que comentários (na rede ou fora dela) recebe de pessoas que fazem parte da grande imprensa?

Pedro Doria - Vamos por partes: mito da neutralidade jornalística. Eu prefiro o termo isenção. E não acho que é um mito. Ou você é honesto ao relatar os fatos, ou não é. A notícia é um relatar

de fatos, e você relata todos aqueles que conhece. Isso é isenção. A profissão vive disso, não é um mito, é honestidade. Por vezes, você não conhecia todos os fatos e, mais adiante, ganha ciência de outros. Aí corrige, complementa. Existe outro campo no jornalismo que é a análise. Você passa o dia analisando fatos, notícias, pontos de vista. Em um determinado momento, começa a entender mais ou menos como as coisas funcionam. Aí, tenta oferecer ao leitor algum contexto – não apenas fatos crus, mas outras informações e argumentos que possam ajudar a fazê-lo entender o que se passa. Neste momento, você está seguindo um raciocínio próprio. Sua obrigação é ser honesto: relatar o que conhece, deixar claro quais os caminhos para suas conclusões. Alguns leitores concordarão, outros não. Alguns leitores são pessoas que entendem mais do assunto do que você, outros não. Seu trabalho é ajudar a pensar, ajudar a compreender o que está acontecendo no mundo. Pode estar errado, aí é o momento de retomar o assunto e retocar seu ponto de vista. A isenção está na sua honestidade a cada momento. Se eu imaginava que meu *blog* iria tomar essas dimensões? Na verdade, nunca pensei nisso. Se eu fizesse o mesmo *blog*, no meu tempo livre, por conta própria, ele seria tão conhecido quanto é? Não sei. Parte de sua importância tem a ver com ser o *blog* da *nomínimo*, uma revista eletrônica com muitos jornalistas conceituados e veteranos. O que tento fazer é uma leitura diária agradável, curiosa, informativa. É meu único objetivo. Não costumo ouvir muitos comentários a respeito do *blog* na grande imprensa. Ouço mais sobre minhas colunas e reportagens publicadas no mesmo site. O que é natural. São poucos os jornalistas que têm o hábito de ler *blogs*. Jornalistas têm de ler muitas coisas e conversar com muita gente. Ler texto corrido é hábito, *blog* ainda é coisa nova. Virá com o tempo. Mas, quando ouço comentários, sempre fico feliz. A turma gosta. E reconhecimento dos pares é a melhor coisa do mundo. Claro que sempre se pode dizer que os comentários que não surgem são os críticos, mas como saber?

IHU On-Line - Qual é o principal potencial que o *weblog* tem para manter as pessoas informadas e de que modo muda o conceito de informação nesse veículo?

Pedro Doria - Informação é informação. O conceito não muda. O potencial do *weblog*, não sei. O potencial do conjunto dos *blogs* é tirar o monopólio das grandes empresas jornalísticas de investigação e disseminação de informação. Perceba: falo de tirar o monopólio das grandes empresas de mídia, não dos jornalistas. Quem apura, diseca ou analisa informação é jornalista. Com ou sem diploma. Nem todos os *blogs* são jornalísticos, mas esta é outra questão.

IHU On-Line - Como é, concretamente, sua rotina para dar conta do *blog*? Quais os principais desafios? Quais as principais fontes que consulta? Já cometeu algum erro grave? E algum furo inesquecível?

Pedro Doria - A rotina é acessar minha *startpage* e clicar nos *links* meio que aleatoriamente. A *startpage* – <http://homepage.mac.com/pdoria/weblog/> – é onde listo minhas principais fontes de consulta. Às vezes, estou particularmente interessado em alguma zona especial do planeta, noutras me sinto livre para viajar por onde for. O desafio é conseguir me distanciar dos assuntos que me interessam, mas raramente consigo.

Erro grave? Nenhum. Erros? Vários. Uma vez, pus um *link* para um *site* brasileiro recém-divulgado, o *sexkut*, que seria um *orkut* para quem estivesse interessado em parceiros sexuais. Era um trote do Cocadaboa. Fui o primeiro na web brasileira a falar no assunto. Então foi uma bola fora – às vezes, estar por dentro do que está acontecendo na web tem suas desvantagens, mas não foi um erro grave. Erro grave é quando você ferra com a vida de alguém, isso, ainda

bem, ainda não fiz no *blog*. E espero jamais fazer. Furos? Também nenhum. Tive a experiência de dar furos na imprensa diária, de papel, cobrindo campanha. O que é natural, acontece com a maioria dos repórteres, mas, *num blog*, é mais difícil. Fui o primeiro, no Brasil, a falar que havia um blogueiro, escrevendo de dentro de Bagdá durante a guerra – mas isso não é furo. A informação já era conhecida fora do Brasil e, provavelmente, também aqui dentro por quem lia *blogs* estrangeiros.

***IHU On-Line* - Como caracterizaria seus interlocutores? Algum recado mais curioso ou anedótico que recebeu e seja interessante comentar?**

Pedro Doria - Tenho ótimos comentaristas. Um *blog*, com o passar do tempo, cria uma comunidade. Tem gente que discorda de você com frequência, tem gente que concorda quase sempre, tem um ou outro que escreve bem pra caramba. Esta comunidade não só é parte da diversão como é o motivo que te faz trabalhar a cada dia. Às vezes, tento lembrar qual era o barato de escrever sem este retorno imediato e não lembro. Um comentário anedótico não saberia pinçar, mas não consegui encontrar ainda uma fórmula para descobrir que tipo de *post*, que assunto, traz mais comentários. Tem uns que são surpreendentes. Uma vez, escrevi sobre um livro que tentava imaginar o que seria do mundo se os judeus tivessem reconhecido Jesus como Messias. Deu mais de 150 comentários. Alguns dos leitores disseram que eu estava apostando no caminho fácil. Imagina. Quem haveria de imaginar que o assunto pudesse ser tão palpitante? Notas sobre o conflito entre Israel e Palestina incendeiavam, mas não é regra: às vezes, trato do mesmo assunto, e cinco ou seis pessoas falam sobre ele e naquilo se encerra. Outra coisa sobre a qual costumo tratar, as mudanças e dilemas da sociedade a respeito de sexo, aceitação de sexo explícito, privacidade violada etc., algumas vezes, viram grandes assembleias instigadas por vários pontos de vista, noutras são quase ignoradas. Então não há uma fórmula clara.

***IHU On-Line* - Estas novas tecnologias exigem mais do jornalista? Como vê a formação atual dos jornalistas: pontos fortes e fracos...**

Pedro Doria - Isso é longo demais. Villas-Bôas Corrêa começou a carreira em 1948. Foi um dos primeiros jornalistas brasileiros a levar sua máquina de escrever para a redação. Fez rádio, fez tevê – há um ano, quando o presidente Lula convocou colonistas políticos para uma coletiva no Planalto, Villas foi, saiu, assentou o laptop no colo, bateu sua coluna, entrou na rede, acessou o software de publicação, colou a coluna – publicou. Se tecnologia exige mais do jornalista? Nada. Quem estiver aberto, está. Você se formou para informar, que as possibilidades de contar sua história vão mudar ao longo da vida, hoje em dia, é dado. Fidelidade à informação, isenção, honestidade intelectual são valores absolutos. É disso que vale imprensa livre. Ponto. Nada mudou. A mídia é irrelevante, o que vale é tempo de estrada. E o barato de tempo de estrada é que você tem toda a vida para conseguir cada vez mais. Sempre. Formação atual dos jornalistas? Fiz três anos de engenharia, apanhei muito, e sei muito pouca matemática. Cometo erros tolos por conta. Sei mais de economia do que sabia há um ou dois anos, e ainda assim não posso entrar em qualquer debate aprofundado sobre o assunto. Conceitos científicos de química, física e, principalmente, de biologia, entendo melhor. Não o suficiente. Mas o bastante para, sempre que ouço alguém falar do "relativismo que nasceu com Einstein", dar dois ou três pulos. O conceito de Relatividade Geral é muito específico, não tem nada a ver com seja lá o que chamam de relativismo. E, no entanto, publica-se isso com uma impunidade de dar medo.

Em compensação, jornalistas aprendem um bocado de ciências humanas. Conhecem vários franceses e o constante exercício de retórica. O que explicam sobre o mundo? Muito pouco. Autores, como Marshall McLuhan²³, que têm muito mais a dizer sobre o mundo, costumam ser ignorados. Aprende-se uma filosofia rudimentar e, vez por outra, alguém tenta fazer filosofia de "física quântica" quando, na física, existe apenas mecânica quântica – e isso não só basta como já é complicado à beça.

Jornalistas saem das faculdades sem estudar história. Não sabem dizer qual a diferença entre Thomas Jefferson e George Washington. Não sabem quem foram Abd al-Wahab, Saladin ou mesmo Maomé. Qual a importância da família al-Saud? Raros conhecem a história da formação dos estados modernos do Oriente Médio. Ou como se sucedeu a Revolução Francesa e como terminou em Napoleão. Quantos sabem relacionar Adam Smith, Karl Marx e John Maynard Keynes? Por que os EUA se meteram numa guerra no Vietnã? (Ou teria sido com o Vietnã?) Que fez Simon Bolívar e onde? Vamos para a história brasileira: como se governou o Brasil entre 1500 e 1800? Qual foi a importância do Brasil para Portugal? Perguntas mais básicas: Por que derrubaram Pedro Segundo? História recente: Quem foram, de fato, Jango, JK e Carlos Lacerda? Por que São Paulo despontou economicamente e, ainda assim, a cidade está falida? Por favor, nenhuma delas é pergunta simples, todas têm respostas as mais variadas possíveis. São motivos de debate entre especialistas. Eu não saberia responder a contento quase nenhuma, mas são básicas para compreender o mundo de hoje. Não possuir informação sobre qualquer um destes assuntos não indica incompetência do estudante, mas incapacidade da escola. Eu aprendi uma coisa trabalhando como jornalista: tem sempre tempo para aprender. No jornalismo, há três coisas essenciais. A primeira é aprender sempre, ler sempre, estudar sempre. Isso é comum a qualquer profissão. A segunda é saber escrever. Não sei quando se consolida isso, quando você cria um estilo, quando chega à conclusão de que sabe escrever. Pessoalmente, ainda sou um bocado inseguro e ainda me fascino demais com coisas que outros jornalistas ou escritores escreveram muito antes de eu nascer. Não com o quê, mas com o como escreveram. Tem gente que encontrou soluções geniais. E isso, às vezes, está no jornalismo de hoje, no Brasil. Temos grandes escritores entre os jornalistas, alguns colegas meus – não cito nomes pelo risco de esquecer alguém, mas a lição mais importante de todas, no jornalismo, é empatia. É um anglicismo. Quer dizer se colocar no lugar de uma pessoa. Não importa se é uma prostituta, um terrorista muçulmano, um político, o pai de um rapaz que acabou de ser assassinado. Sempre que você escreve uma matéria, você escreve sobre alguém. A habilidade de entender o que levou aquela pessoa a ser quem é, ou agir como age, é fundamental para o melhor jornalismo. Não quer dizer se colocar ao lado de. Mas você só faz bom jornalismo quando se despe de pudores, entra em contato com seu lado mais negro e entende a pessoa sobre quem está escrevendo.



IHU On-Line - Que outros blogs, atualmente, considera interessantes e por quê?

²³ Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense, fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são ***A galáxia de Gutenberg*** (1962) e ***O meio é a mensagem*** (1967). (Nota do ***IHU On-Line***)

Pedro Doria - Estão na minha *startpage*. Por quê? Um *blog* é bom por poucos motivos. Pode ser bem escrito. Pode ser informativo. Pode ser revelador sobre quem o escreve e, portanto, sobre como as pessoas são.

IHU On-Line – Há algum outro aspecto que não foi perguntado e considere importante acrescentar?

Pedro Doria - Tento falar sobre o estado do mundo, os dilemas atuais. Quais são? Religião. Sexo. Conceito de vida. Segurança. Saúde. Moradia. Alfabetização. Alimentação. Impacto social da tecnologia. Tento explicar o conceito de cada um, o que é aceitável e o que não é e, hoje, você vai encontrar uma gama infinita de opiniões. Muita gente é infeliz por conta do que é aceito ou não na sociedade, por conta do que falta fazer e do que não falta – e discute-se pouco isso. Os assuntos vão além. Globalização. É inevitável? Acho que sim. Que forma deve ter? Como deve ser ditada? Um *blog*, para o jornalista, é só uma das mídias possíveis para tratar destes assuntos. Há jornais, há revistas, tevê, rádio, quantas mais? Aprende-se um bocado fazendo sozinho. Aprende-se mais fazendo com gente experiente. Esta não é uma regra do jornalismo. É coisa humana. São vários os caminhos possíveis. O Brasil é um dos muitos países que partiu do princípio de que, exigindo formação específica, um diploma, conseguiria estabelecer uma reserva de mercado. Com a Internet, acabou. Gente capaz, que escreve bem e é experiente em suas áreas será capaz de falar sobre assuntos vários com mais competência que jornalistas. Como ninguém deve começar a cassar *blogs* – espera-se que sindicatos não virem censores –, é hora de repensar os cursos de comunicação. E isso quer dizer ensinar uma gama maior de assuntos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

BLOG E LITERATURA

Entrevista com Daniel Galera

*Daniel Galera é escritor gaúcho, formado em Publicidade e Propaganda, pela UFRGS. Já trabalhou como webdesigner, produtor de sites e vídeo digital, e foi redator nas editorias de Cinema e sites de um guia cultural semanal. É um dos idealizadores do selo editorial Livros do Mal (www.livrosdomal.org), em parceria com Daniel Pellizzari e Guilherme Pilla. Foi colunista do mail-zine Cardosonline desde sua criação, em outubro de 1998, até sua extinção, em setembro de 2001. É também músico na banda [Blanched](#). Tem um blog, também intitulado Rancho Carne (<http://www.insanus.org/ranchocarne/>). Entre suas obras publicadas destacamos: **Até o dia em que o cão morreu**. Porto Alegre: Livros do Mal, 2003; **Dentes Guardados**. Porto Alegre: Livros do Mal, 2001; **Manuale per investire i cani e altri racconti**. Itália: Arcana, 2004. Publicou também contos em livros e revistas e traduziu diversos livros, entre outros o primeiro weblog impresso **O blog de Bagdá** [The Bagdah Blog], de Salam Pax. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. A entrevista foi concedida ao **IHU On-Line**, por e-mail.*

IHU On-Line - Qual é sua visão sobre os *blogs*? Qual a relevância que eles têm em uma época de globalização? Como eles afetam a língua e a literatura?

Daniel Galera - O *blog* é uma das diversas ferramentas amigáveis que surgiram para tornar mais fácil e genérico o uso da Internet. Antes dos *blogs*, era necessário ter conhecimentos de HTML e um espaço em algum servidor para publicar uma página na Internet. O *blog* tornou a manutenção de um *site* simples na web uma tarefa banal, acessível a qualquer usuário de

computador. Com sua popularização, o *blog* passou a ser usado principalmente como espaço de diário íntimo ou público, como meio de divulgação de textos diversos e como veículo de jornalismo, crônica e comentário da realidade. Além disso, os *blogs* se tornaram mais espaço de criação de comunidades virtuais de diversos tipos. Como toda a ferramenta, ele serve para suprir a necessidade do usuário, e pode ter infinitas funções. Não creio que os *blogs* tenham afetado significativamente a língua ou a literatura, a não ser como meio extremamente eficiente para divulgação de textos e manutenção de relações pessoais via web.

IHU On-Line - O que levou você a traduzir o *Blog de Bagdá*? Qual é a importância da obra?

Daniel Galera - O convite para a tradução do *Blog de Bagdá* veio da editora Companhia das Letras. Aceitei, porque, além de ser um documento interessante sobre o cotidiano do Iraque durante a guerra, foi um dos primeiros *blogs* a se tornar fenômeno mundial, e provavelmente o primeiro a ter a íntegra de seu conteúdo editado e publicado em livro, numa iniciativa do jornal britânico *The Guardian*.

IHU On-Line - A partir dessa experiência, como você avalia o papel dos *blogs* durante a guerra?

Daniel Galera - Os *blogs* não tiveram nenhum papel especial durante a guerra, a meu ver. O papel deles foi o mesmo que existe em relação a qualquer outra coisa: espaço sem custo e de fácil uso para que qualquer indivíduo publique o que quiser. Durante a guerra do Iraque, surgiram *blogs* mantidos por soldados, jornalistas e até mesmo habitantes do Iraque, como foi o caso do Salam Pax, autor do *Blog de Bagdá*. Eram fontes diretas de informação, mas fontes de caráter subjetivo, nem sempre jornalísticas, e sim individuais.

IHU On-Line - Qual é o potencial que eles têm em contextos de pouco acesso às mídias, às editoras, etc.?

Daniel Galera - O potencial é grande. Não é por acaso que a grande maioria dos escritores da geração mais recente mantém um *blog*, que pode ser porta de entrada para apresentar uma obra, um espaço para comentar e debater literatura, ou simplesmente um meio para manter contato com outros autores e com amigos, divulgando o próprio trabalho. O *blog* é um espaço que se soma aos já existentes.

[\(Voltar ao índice\)](#)

TODO O MUNDO TEM UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

Entrevista com Rebecca Blood

*Internacionalmente conhecida como conferencista, escritora e blogger, Rebecca Blood é autora do livro **The Weblog Handbook**, que foi chamado de o Strunk & White dos livros sobre blogging. Ele foi escolhido pela Amazon como um dos 10 melhores livros sobre cultura digital em 2002 e traduzido para quatro idiomas. O weblog dela, Rebecca's Pocket, está incluído no ranking dos 150 melhores da Technorati, escolhidos entre 10 milhões de weblogs rastreados. Além de seu livro, Rebecca Blood escreveu vários ensaios sobre a teoria e prática de weblogs. Ela foi convidada a escrever para as revistas acadêmicas **The Nieman Reports** e **Communications da ACM**. Em 2003, foi conferencista na Blogtalk, a primeira conferência mundial sobre weblogs, e, em 2005, foi uma das palestrantes da Blogtalk Downunder. A entrevista a seguir, foi concedida ao IHU On-Line por e-mail.*

IHU On-Line - Qual é a principal razão para ter um weblog?

Rebecca Blood - Todo o mundo, tanto pessoas jovens quanto velhas, tem uma história para contar. Os seres humanos vêm contando histórias uns aos outros e compartilhando informações desde que existimos. Isso costumava acontecer ao redor da fogueira do acampamento, depois no mercado, depois no escritório. Algumas pessoas querem falar sobre o que está acontecendo a elas atualmente; outras querem falar sobre seu jardim; algumas querem falar sobre sua família e outras querem falar sobre o filme que viram ontem à noite. Tudo o que o *blogging* faz é transplantar essa atividade humana extremamente básica para a Internet.

IHU On-Line - O que você escreve no seu blog? O que as pessoas lhe escrevem?

Rebecca Blood - Eu sempre digo que escrevo para um público composto de uma pessoa: eu. Faço referência às notícias que acho interessantes, mas que meus leitores e leitoras, ocupados demais para fazer mais do que dar uma olhada na primeira página, podem não ter percebido. As notas que recebo de meus leitores e leitoras, às vezes, acrescentam informações a uma notícia a que eu fiz referência, às vezes, discordam atenciosamente das opiniões que expressei e, às vezes, me indicam um artigo de jornal ou uma organização pela qual acham que eu teria interesse.

IHU On-Line - Nos blogs e, na Internet em geral, há uma tendência a esconder a própria identidade, mas, ao mesmo tempo, a expor a vida pessoal. Que tipo de identidade está surgindo nesse território virtual?

Rebecca Blood - Acho que as identidades *online* são bastante semelhantes às identidades do cotidiano. É verdade que as pessoas podem postar seus pensamentos anonimamente, mas cada *blogger* tem um lugar identificável na Internet. Se mantiver esse lugar, cada *blogger* vai acumular fragmentos de seus interesses em seu espaço e, mesmo que nunca poste nenhum detalhe pessoal, é fácil perceber em que ele ou ela está interessado e como sua mente funciona. Além disso, depois que um/uma *blogger* desenvolveu um público e um lugar na comunidade, há uma inclinação natural a querer proteger seu capital social. A Internet certamente permite que as pessoas enganem outras em relação à sua verdadeira identidade e seus verdadeiros motivos – mas a mesma coisa acontece na vida diária.

IHU On-Line - Nos weblogs, os jovens podem aprender sobre liberdade de expressão, responsabilidade editorial e debate. Como esses aprendizados influenciam em outros aspectos de suas vidas?

Rebecca Blood - Penso – e isso se aplica a pessoas de todas as idades – que o *blogging* tende a tornar as pessoas mais conscientes de suas próprias opiniões e a ter mais confiança em seu ponto de vista. E certamente escrever todo dia é a melhor forma de se tornar uma escritora melhor.

[\(Voltar ao índice\)](#)

BLOGMARATONA: SOLIDARIEDADE NA BLOGOSFERA

Entrevista com José Javier Domínguez

José Javier Domínguez é estudante do 4º ano de jornalismo na Universidade Cardenal Herrera-CEU, é espanhol de Valência e criador, promotor e coordenador do projeto “Blogomaratona Solidária”, que consiste em animar os bloggers para que usem suas páginas na internet ao menos dois dias ao ano para lembrar situações de injustiça e para que motivem as pessoas à ajuda, fazendo com que a soma das contribuições gere grande repercussão na opinião pública. Domínguez é também redator do blog do projeto (<http://blogomaratona.blogia.com>). Ele concedeu a entrevista a seguir, ao **IHU On-Line**, por e-mail.

IHU On-Line - Como surgiu sua relação com os blogs e, posteriormente, a idéia da Blogomaratona?

José Javier Domínguez - Minha relação com blogs surgiu há mais de um ano, em uma mesa redonda em minha universidade, com famoso blogger espanhol, David de Ugarte, e o então diretor de Periodista Digital, David Rojo. Até esse momento, embora o mundo do ciberjornalismo chamasse poderosamente minha atenção, não tinha escutado falar dessa revolucionária forma de comunicação que são os blogs. Logo comecei a navegar por eles, para lê-los, para escrever comentários e, aos poucos fui me enganchando a um mundo que eu considero apaixonante, até que depois de diversas tentativas que não duraram, decidi criar meu próprio blog: (<http://teotieneungalgo.aceblog.com>). Perguntaram-me freqüentemente como surgiu a idéia da Blogomaratona e, sinceramente, não posso definir com clareza e exatidão os motivos que me levaram a criá-la. Eu suponho que, como todas as boas idéias (e acredito que esta é uma delas), surgiu por uma soma de casualidades e das reflexões. A compreensão do potencial dos blogs para trazer assuntos novos ao debate público e para canalizar iniciativas de ação conjunta, o desejo de adaptar as clássicas telemaratonas aos novos meios, e, especialmente, o desejo de fazer algo original, mas eficaz por aqueles que mais sofrem. Queria ajudar a mudar este mundo, usando os braços das novas tecnologias da comunicação. Seria um desperdício e uma ofensa aos esquecidos não fazê-lo. Sou estudante de jornalismo e acredito que nossa profissão tem uma responsabilidade social importante para fazer mais justo e habitável o nosso planeta.

IHU On-Line - Como é, na prática, “usar os blogs para transformar o mundo? Que potencial de transformar o mundo existe nestes novos meios de comunicação?”

José Javier Domínguez - Talvez soa um pouco grandiloquente esse transformar o mundo a partir dos blogs, porque é verdade que, para que mude o mundo, é necessário que mudem outras coisas: um compromisso político e moral dos cidadãos e dos governos, um esforço muito complexo e uma revolução global das consciências. Acredito, porém, que todos esses objetivos só podem ser atingidos se cada pessoa individualmente se conscientiza da situação da miséria e sofrimento de que muitos seres humanos padecem, e assumem sua responsabilidade. É nesse sentido que os blogs podem realizar um trabalho determinante. Os blogs supõem que uma capacidade de emitir informação e opinião não está restringida unicamente a uma minoria de jornalistas e meios de comunicação que, muitas vezes, estão condicionados por pressões ou interesses econômicos ou políticos que impedem que os assuntos solidários obtenham a cobertura que merecem. Graças aos blogs, qualquer pessoa pode transformar-se em um comunicador: falar o que quiser sobre o assunto que quiser. Com uma audiência e influência menor que, em meios tradicionais de massas, mas com uma relação muito mais estreita com seus leitores. A Blogomaratona Solidária consiste em animar os bloggers para que usem ao menos dois dias do ano esse pequeno poder comunicativo do qual dispõem para lembrar situações de injustiça e para que exortem as pessoas à ajuda. Ao agir conjuntamente, a soma

daquelas pequenas contribuições transforma-se em um projeto de grande porte que gera grande eco na opinião pública.

IHU On-Line - Quais são os resultados que considera mais importantes em relação à Blogmaratona Solidária? Poderia relatar última de maio de 2005?

José Javier Dominguez - A Blogmaratona de 10 de maio de 2005, segunda que celebramos, foi um sucesso que transbordou as previsões mais otimistas. Participaram mais de 140 blogs (muitos deles com vários artigos). Tivemos milhares de leitores, numerosos comentários, uma importante repercussão nos meios de comunicação, e uns vinte *posts* em um *blog*, criado expressamente para aqueles que não possuem um, poderem também participar. O mais importante, porém, não são essas cifras espetaculares, e sim as histórias e entrega pessoal que há por trás de cada participação. É difícil fazer um balanço de resultados concretos, mas eu me sinto satisfeito com que uma pessoa, só uma, se decidisse a ajudar os outros graças ao lido e pensado na Blogmaratona. Uma mudança de vida tem um valor imenso. Foi surpreendente a qualidade dos artigos, a criatividade demonstrada. As pessoas se esforçaram e assumiram a idéia como algo próprio, e isso pode ser percebido nos *weblogs*, nos quais assistimos a um festival de talento. Além disso, houve uma grande variedade de assuntos tratados e uma amostra das diferentes formas de focar a entrega solidária. Pessoas sem lar, o drama africano, a exploração sexual, as dificuldades dos deficientes, o drama humanitário da África, o maltrato doméstico, etc... Falou-se sobre tudo. Essa é uma das características mais identificadoras do projeto: o caráter plural e aberto. Cada um falou do tema que mais o preocupava ou sentia mais próximo; cada um utilizava a linguagem e os recursos que mais se adaptavam ao seu *blog*, e apresentava a ONG pela que sentia mais confiança. Pessoas de ideologias, culturas e interesses muito diferentes (e em ocasiões contrapostas) conseguiram se unir com o denominador comum da boa vontade por uma causa justa. Nesses tempos, nos quais tantos se empenham em destacar o que nos separa, não está de mais dar ênfase naquilo que nos une.

IHU On-Line - A Blogmaratona está definida como um espaço para denunciar injustiças, contar desigualdades, mas também propor soluções. Quais as soluções mais criativas que apareceram?

José Javier Dominguez - Todas foram criativas, porque serviram para criar esperança e vontade de ajudar. Cito o pedido de *La Libreta*, procurando 1000 famílias solidárias para que crianças saharais passem o verão na Espanha; A informação de *TIC Madrid* sobre as *webquests* solidárias, umas atividades didáticas de pesquisa pela Internet; os recursos de jornalismo e solidariedade que se ofereciam em *La Broma*; ou o projeto de comércio justo de café com Nicarágua²⁴ do *Cuaderno del Profesor*.

De todas as formas, a melhor maneira de se dar conta da quantidade de soluções e informações, é visitar a página oficial da Blogmaratona (<http://blogomaratona.blogia.com>) onde estão "linkados" todos os participantes. Foram 24 horas inesquecíveis, demonstrou-se a força da *blogosfera* e sua capacidade para a mobilização. Mas... E agora? Eu acho que além de

²⁴ ESPANICA (<http://www.nodo50.org/espanica>) é a organização de Comércio Justo que distribui na Espanha o café produzido na Nicarágua pelos pequenos produtores associados em cooperativas de trabalhadores que são donos das terras que cultivam e que participam de um projeto de mudança das estruturas que regem o comércio internacional. (Nota do *IHU On-Line*)

esperar a próxima convocatória, no dia 21 de dezembro, há que aproveitar a rede de pessoas com vocação e formação para a solidariedade que temos criado. Precisamos das idéias de todos para melhorar o projeto e exprimi-lo ao máximo.

[\(Voltar ao índice\)](#)

QUANDO O TRABALHADOR FAZ UM BLOG

Por Fabrice Rousselot

No artigo que segue, publicado no jornal **Libération**, em 6 de junho de 2005, Fabrice Rousselot conta que nos Estados Unidos, por meio dos diários pessoais online, os assalariados dão suas opiniões sobre suas empresas. Crítica ou não, esta livre forma de expressão transtorna a comunicação dos grandes grupos.

Mark Jen diz que “[ele] ainda [está] sob o choque do que lhe ocorreu, mas que na época [ele] não tinha podido mensurar todo o poder dos blogs”. Em 17 de janeiro, ele estava todo feliz, aos 22 anos, ao desembarcar na Google como programador. Para celebrar seu novo trabalho à sua maneira, ele criou o seu *weblog*, a fim de entregar suas primeiras impressões ao planeta internauta. “No início, eu só tinha realmente falado à minha família e aos meus amigos, explica ele, e eu comecei a escrever o que me passava pela cabeça. É verdade, eu disse que eu estava decepcionado com o seguro saúde, que era um pouco menos bom do que na Microsoft, meu empregador anterior. Eu também me perguntei se a alimentação gratuita na cantina não era um meio de fazer os assalariados trabalharem até tarde da noite. Mas eu não desconfiava da tempestade que isso desencadearia”.

O empregado descontente

Muito rapidamente, o *blog* de Mark Jen foi localizado por diversos jornais e sites da Internet. Ele se tornou, então, “o empregado da Google descontente” e uma espécie de astro involuntário da tela. Num primeiro tempo, Google lhe solicita que ele corrija suas observações. Em 28 de janeiro, ele é, pura e simplesmente, licenciado.

Por si só, a história de Mark Jen traduz a pequena revolução que está a ponto de abalar as empresas americanas. Cada vez mais, grandes e pequenas empresas devem fazer face à explosão exponencial dos *blogs*, esses diários personalizados que cada um pode publicar livremente na Internet como nova forma de expressão de seus empregados.

Em alguns casos, o *blog* é o da própria empresa, que o transforma, então, em útil marketing para desenvolver um elo mais “pessoal” com seus clientes. Mas, com frequência, são os assalariados que decidem tomar individualmente a palavra e podem, assim, elogiar ou criticar abertamente seus empregadores e seus respectivos produtos. Desde então, é toda a organização do trabalho que se encontra modificada, bem como a relação de forças no seio da empresa.

Atualmente, estima-se que existam em torno de 10 milhões de *blogs* na Web e que são criados uns 40.000 todos os dias. Ninguém sabe qual é a proporção de *blogs* de empregados, mas eles são cada vez mais visíveis. “O que é claro, é que o *blog* se tornou um instrumento de comunicação formidável no seio da empresa, ressalta David Meeman Scott, um expert das novas tecnologias. Quando a direção decide criar seu próprio *blog*, ela pode enviar diretamente sua mensagem a seus clientes e procura tirar dela proveito. Mas, o mais delicado continua sendo gerir os *blogs* «livres» de uns e dos outros. O *blog* é, por essência, incontrolável. Um

assalariado pode revelar segredos ou utilizar seu blog para tentar mudar regras sociais em sua empresa, tomando parte em seus problemas”.

O próprio Mark Jen fala muito melhor de suas desventuras, já que ele trabalha agora na Plaxo, uma *start up* (recém-criada) californiana que favorece os contatos entre internautas. Mal seus desentendimentos com a Google tinham se espalhado pela imprensa, a Plaxo o contratou... a fim de coordenar sua própria política de *blogs*. *“Eu tirei diversas lições do que me aconteceu, explica ele de maneira muito oficial e civilizada, uma vez que, notadamente, um empregado deve ser sensível à cultura e às tradições de sua empresa. Eu também sei que o blog é uma arma de dois gumes, e que os blogueadores estão a ponto de mudar a maneira pela qual funcionam as empresas, notadamente sua estratégia de comunicação”.*

A obsessão dos encarregados de relações públicas

Em certas empresas, os *blogs* se tornaram, assim, a obsessão dos encarregados das relações públicas, que se sentem num curto-circuito e são, assim, forçados a reparar os desgastes. No caso de Mark Jen, a Google explicou que ela contava com numerosos autores de *blogs* entre seus assalariados, mas se lhes pedia que utilizassem o seu «*senso comum*», a fim de não escrever não importa o que. Isso não impediu que a equipe de investigação tenha recebido milhares de e-mails de protesto após o licenciamento de Jen e não pôde evitar a má publicidade. Sentiu-se obrigada, notadamente, a defender o seu sistema de seguro de saúde. *“É demasiado cedo para se poder determinar se o blog será proveitoso ou não à empresa”,* estima Rick Segal, o qual, em seu *blog*, *O valor pós-moeda*, analisa à vontade a *blogosfera*. *“O que é seguro é que o blog não deixa nenhum tempo à reflexão. A gente pode se perguntar, por exemplo, se, para certos indivíduos, de ordem salarial ou social, não seria melhor ter uma negociação e um diálogo tradicionais no seio da empresa, antes de ver o descontentamento de um empregado exposto imediatamente em praça pública. Isso não significa necessariamente que o conflito será resolvido mais facilmente”.*

Na *blogosfera*, Robert Scoble já construiu para si uma bela reputação. Engenheiro da Microsoft, ele se define como *“evangelista técnico”*. Ele tem há muito tempo um *blog* consagrado às novas tecnologias. Primeiro torcedor de sua empresa, ele é também o primeiro detrator, quando ele não aprova um produto ou sua direção. No mês passado, ele se tornou notícia. Numa nota publicada em 23 de abril, ele enfrentou diretamente seu diretor Steve Ballmer, repreendendo-o por ter abandonado seu apoio a uma lei do Estado de Washington contra a discriminação de homossexuais. *“Steve, eu estou entristecido, muito entristecido. É esta a tua liderança?”*, se indignava ele, lembrando que a Microsoft sempre tomou posição em favor das minorias. Em seguida, ele engatou uma discussão com responsáveis da Microsoft que lhe respondiam sobre seu *blog*. De passagem, Scoble precisava obter a concordância da Microsoft para tornar pública sua *“Carta aberta a Steve Ballmer”*. Duas semanas mais tarde, Ballmer fazia a réplica e reiterava o apoio da Microsoft à legislação pró-gay.

A melhor idéia ganha

Quando se lhe pergunta se o *blog* se tornou para ele um meio de *“fazer pressão”* sobre sua direção, Robert Scoble responde *“talvez, em parte”*. Mas ele logo acrescenta que seus patrões estão muito satisfeitos com o que ele faz. *“A cultura, aqui, sempre foi a de iniciar um debate e de fazer de maneira que a melhor idéia ganhe. Não há nenhuma censura sobre meu blog e me deixam fazer o que eu quero. Eu acabo de realizar vídeos, por exemplo, que mostro na Internet. Aí eu entrevisto os empregados da Microsoft e eu lhes peço suas opiniões sobre uma porção de assuntos. Só pode ser proveitoso a Bill Gates saber o que pensam os seus assalariados”.*

“O que é seguro, em todo o caso, observa Mark Jen, é que as empresas americanas, queiram ou não, não poderão mais escapar ao fenômeno dos blogs”. “Cada um deveria procurar definir suas próprias regras”, conclui ele. “Na Plaxo, a idéia não é a de controlar os empregados que criam blogs, mas de fazer de modo que eles abram um espaço de discussão e de críticas construtivas. O blog é forçosamente positivo, pois ele obriga a maior transparência e pode, notadamente, permitir identificar, muito rapidamente, um problema sobre um produto ou um serviço, evitando a língua dura habitual dos porta-vozes de tal ou qual companhia”. Ele não impede, mesmo para Mark Jen, a liberdade dos empregados criadores de *blogs* dentro de seus limites: “Certamente, se alguém passa seu tempo criticando a empresa de maneira abusiva, isso não é aceitável. É preciso saber fixar limites”.

UM CODIGO DE CONDUTA PARA DESATIVAR A CRITICA

James Snell elaborou um código de conduta para a direção da IBM: “Nós não vamos fugir das críticas, mas integrá-las”.

Em 16 de maio próximo passado, a IBM anunciou que encorajava os seus 320.000 assalariados espalhados pelo mundo a abrirem os seus próprios *blogs*. A gigante da informática pede aos seus empregados seguirem certas regras, como a de se identificar, de precisar sua função na IBM, mas também de sublinhar que os comentários inseridos na Internet não engajam a empresa, mas, unicamente, aqueles que os escrevem. Um código de conduta para desativar a crítica e torná-la vantajosa à empresa? James Snell, da equipe de desenvolvimento estratégico da IBM, é um dos que contribuíram para a elaboração desta nova política.

Qual é o princípio básico por trás das novas regras para os criadores de *blogs*?

Nós já dispomos de certas regras de conduta para os empregados da IBM. É vedado, por exemplo, revelar segredos industriais ou transmitir certas informações aos nossos concorrentes. Dissemos aos empregados que eles podem criar *blogs* à vontade na Internet, mas que eles devem fazê-lo de maneira responsável. Não se trata de dizer tudo e não importa o que, mas contribuir para o desenvolvimento da empresa e para o debate.

É possível ser sempre crítico?

Seguramente. Em meu próprio *blog*, eu sou crítico, mas eu ponho questões, eu procuro melhorar as coisas. Eu não critico pelo simples prazer de ser negativo. Algumas pessoas, em seus comentários, podem discordar de mim. É a ocasião de abrir um debate e de argumentar. Em geral, se vê muito facilmente se um *blog* serve unicamente para alimentar as querelas ou para provocá-las. No entanto, se as pessoas evocam em seus *blogs* reais, inquietudes a propósito de um produto, isto é, sem dúvida, legítimo. Pessoalmente, se alguma coisa me incomoda na IBM, eu farei menção disso primeiramente para a empresa, pelos canais tradicionais. Caso se trate, porém, de um debate sobre um programa ou de um computador, o *blog* é um excelente meio de comunicação. Nós não vamos fugir das críticas honestas, mas procurar integrá-las em nossa reflexão.

De que modo os *blogs* de empregados podem contribuir ao desenvolvimento da IBM?

Para mim, isso é como construir uma comunidade. Todo mundo pode ampliar suas idéias sobre todos os assuntos, da tecnologia ao *business model*. Quanto mais a comunidade for rica, mais

a IBM tira proveito, pois não há fronteiras. Vocês podem realmente saber o que as pessoas pensam de vossa empresa, de seus defeitos, de seus pontos fortes. Não se trata apenas de uma sondagem junto a um certo escalão, trata-se de um diálogo constante. Nós já temos *blogs* na Intranet da IBM, na empresa, e isso permite um extraordinário intercâmbio sobre todos os projetos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

O IRÃ DOS BLOGS, UMA “SOCIEDADE CIVIL SELVAGEM” E SEM TABUS

Por Claire Ismard

No artigo que segue, publicado no jornal *Libération*, em 8 de junho de 2005, Claire Ismard afirma que, no Irã, em torno de 100.000 internautas fazem do blog um verdadeiro laboratório democrático.

É uma província iraniana de umas cem mil almas. O cidadão lambda pode aí, a seu bel-prazer, conspurcar o poder ditatorial dos *mollahs*, narrar sua vida sexual ou dissertar sobre o último *Star Wars*. No Blogistão, como o apelidaram os internautas iranianos adeptos desses jornais íntimos na tela, sopra um ar de liberdade desconhecido no resto do Irã. As recentes prisões de *bloggers* não mudam nada nisso; o último foi condenado, segunda-feira, a dois anos de prisão por “*insulto ao Guia supremo*”. Foram fechados milhares desses sites pessoais “*subversivos*”. O regime sabe que ele conduz uma guerra vã, previamente perdida.

Os iranianos se tornaram acostumados a esse modo de expressão. Depois que o Unicode²⁵ tornou possível a utilização do persa na Internet em 2001, o número de *bloggers* iranianos explodiu a ponto de a língua de Jafiz se ter tornado a quarta língua falada na blogosfera. Num país em que 70% da população tem menos de 30 anos, os *blogs* representam para a juventude iraniana um espaço vital, em que se exprimem suas frustrações, suas angústias, mas também suas esperanças.

Fatos de armas. Na véspera da eleição presidencial, a campanha de boicote ao escrutínio bate de cheio nos *blogs* iranianos. “*Não legitimeis o poder dos mollahs: abstende-vos!*”, escreve um deles com um cidadão atirando sua cédula de voto no lixo, no fundo da tela. Petições, apelos a assembleias para protestar contra o autoritarismo dos religiosos aí circulam. “*Isso se tornou um movimento social que tem um poder real sobre a vida política*”, quer crer Masserat Amir-Ebrahimi, uma socióloga teeranense que observa o fenômeno desde sua aparição. Menos entusiastas, outros observadores sublinham que esta oposição é ainda bem virtual...

Os *bloggers* já organizaram, portanto, alguns fatos de armas. O sucesso da petição para impedir a execução de mulheres que mataram seus violentadores, não seria estranho ao recuo da justiça neste dossiê. Mais ainda, após a revolta estudantil da primavera de 2003, quando a televisão do Estado difundia, imperturbável, sua onda de *clips* religiosos, os *blogs* se impuseram como o único meio confiável de comunicação e de informação.

²⁵ Sistema *standard* de códigos, que contém todos os caracteres de uso corrente nas principais línguas do mundo. (Nota do autor)

Franqueza. *“Esses ciberjornais são para os iranianos uma espécie de laboratório da democracia: aí eles aprendem a argumentar, a ser críticos, o que é muito novo para eles”, observa Masserat Amir-Ebrahimi. Para um diplomata sediado em Teerã, trata-se de “uma sociedade civil selvagem que está a ponto de se constituir”.*

Consciente da situação, a classe política começa a investir no terreno. O antigo vice-primeiro Ministro reformador Mohammad Abtahi foi um dos primeiros a criar seu *blog*, que é um dos mais visitados do país. No mesmo, ele aborda, há três anos, com uma franqueza não habitual, questões políticas tabus, como a tortura e os *bloggers* presos. Atualmente, todas as grandes figuras político-religiosas, mesmo as mais conservadoras, lançaram seu ciberjornal. O Guia Supremo, Ali Khamenei, participou também...

“Dissimulados”. Acontece que, em muitos *blogs*, as questões políticas são relegadas a segundo plano. Fala-se neles de música, de sentimentos, mas também de droga ou do suicídio... Em suma, preocupações da “verdadeira vida”. As mulheres e, em particular as mulheres do lar, para as quais este é o único acesso a uma forma de espaço público, se tornaram rapidamente adeptas. Uma mãe de família divorciada se tornou assim um símbolo da causa feminista, contando seu calvário para obter a guarda de seus filhos. O seu *blog* reúne, a cada dia milhares, de leitores. *“As mulheres expõem questões tabus sobre a sua identidade, sobre si mesmas, que certamente também preocupam os homens”,* narra a escritora Chahla Chafiq, exilada na França. Num país que fez da não-mistura de gêneros um pilar da moral pública, muitos homens se fazem passar por mulheres em seus *blogs* para conquistar amigas. *“Os jovens iranianos nascidos após a revolução aprenderam muito cedo a dissimular constantemente, a representar papéis”,* assegura Masserat Amir-Ebrahim. *“Através de seus blogs, eles constroem para si falsas identidades, nas quais eles podem exprimir-se muito mais realmente do que no espaço real”.*

Para remediar esta insuportável promiscuidade homens-mulheres, os sites do Hezbollah pensam ter encontrado uma saída: seus *blogs* reservam espaços diferentes para “os irmãos” e “as irmãs”...

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da semana

VERDADE SOBRE CELULAS-TRONCO EMBRIONARIAS

Reproduzimos o artigo a seguir, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, em 8 de junho de 2005. O texto é de autoria de Ives Gandra da Silva Martins, advogado tributarista, professor emérito da Universidade Mackenzie, da UniFMU e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, e presidente da Academia Paulista de Letras, e Lilian Piñero Eça, biomédica, doutora em biologia molecular pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), e autora do livro **Biologia Molecular - Guia Prático e Didático** (Rio de Janeiro: Revinter, 2004).

A seguir publicamos duas cartas de leitores, publicadas no jornal **Folha de S. Paulo**, 12-6-05, comentando o artigo. Sobre o tema da clonagem confira a 143ª edição do **IHU On-Line**, de 30 de maio de 2005.

O procurador-geral da República ingressou com ação direta de inconstitucionalidade contra a lei que aprovou a manipulação de embriões humanos vivos para investigação científica. Os dois signatários deste artigo estão convencidos de que a ação, juridicamente, é irrepreensível e, cientificamente, se acolhida, uma enorme contribuição à comunidade científica.

Do ponto de vista jurídico, dúvida não existe. Declara a Constituição que o direito à vida é inviolável. O tratado internacional sobre direitos fundamentais de São José determina que a vida começa na concepção e que a pena de morte é condenável tanto para o nascituro como para o nascido. E o Código Civil impõe que todos os direitos do nascituro sejam garantidos desde a concepção.

Seria, pois, ridículo se todos os direitos estivessem garantidos, menos o direito à vida. A vida começa, portanto, na concepção, não se justificando que seres humanos sejam, como nos campos de concentração de Hitler, também no Brasil objeto de manipulação embrionária. A lei é manifestamente inconstitucional do ponto de vista jurídico.

Do ponto de vista científico, a lei não merece melhor sorte.

1) No caso da utilização das células de embriões congelados há mais de três anos, trata-se de um transplante heterólogo, com grande possibilidade de rejeição, visto que, à medida que essas células se diferenciam para substituir as lesadas num tecido degenerado, elas começam a expressar as proteínas responsáveis pela rejeição (Jonathan Knight).

2) Allegrucci e colegas dizem que células-tronco de embriões congelados estão longe de ser a "perfeita fonte de células para terapias", pois originam teratomas (tumores de caráter embrionário).

3) Além disso, ocorrem metilações no DNA dos embriões congelados, que não são passíveis de identificação, aumentando o risco de silenciarem genes. Portanto, não servem para a pesquisa.

4) Há total descontrole das células embrionárias, surgindo diferenciações em tecidos distintos nas placas de cultura, com o que se poderia estar renovando experiências atribuídas a Frankstein.

5) Cada blastocisto fornece entre 100 e 154 células-tronco embrionárias. É preciso saber quantos embriões humanos frescos seriam sacrificados. Por exemplo, na terapia com autotransplante de células-tronco adultas, provenientes da medula óssea, é necessário um total de 40 milhões de células-tronco, vale dizer, haveria a necessidade de 300 mil a 400 mil embriões, pois não se pode expandir o número dessas células em placas, por motivo de contaminação.

6) Andrews e Thomson, em 2003, referem que as células-tronco humanas em cultura apresentam anormalidades cromossômicas à medida que se diferenciam, com risco de se malignizarem.

7) Quanto à clonagem terapêutica, não se conseguiu até agora clonar um primata. Ao tentar, obtém-se meia dúzia de células aneuplóides (células cujos núcleos contêm um número diferente de cromossomos).

8) Feeder layers são camadas de tecidos retiradas de fetos vivos em qualquer estágio, vendidas em dólares nos Estados Unidos, as quais estão sendo utilizadas para garantir a qualidade do cultivo das células-tronco embrionárias.

9) Joel R. Chamberlain e colegas mostraram em estudo que há doenças genéticas que podem ser tratadas, mas com células-tronco adultas, modificadas geneticamente, como na

Osteogenesis Imperfecta, a qual origina desordens ósseas no esqueleto. Os resultados demonstrados foram um sucesso.

10) "Célula adulta age como embrionária", de acordo com o cientista Rudolf Jaenisch. O segredo está guardado em uma "chave" molecular: o gene Oct-4. A molécula trabalha no estágio inicial do embrião, "segurando" as células para não se diferenciarem antes da hora. No tempo adequado, o gene se desliga e as células formam, então, os tecidos certos. Com o controle do gene, é possível fazer com que certas células-tronco adultas sejam mantidas nesse estágio sem diferenciação, o que pode expandir seu campo de atuação na pesquisa de novos tratamentos (www.cell.com).

Vemos alternativas para estudar a cura das doenças. Cresce o número de trabalhos nos quais se verifica, com sucesso, a recuperação de tecidos ou órgãos lesados, utilizando células-tronco adultas. Um exemplo é o trabalho de Nadia Rosenthal, publicado no "Proceedings of the National Academy of Sciences", sobre o sucesso em usá-las para recuperar tecidos musculares. Devemos lembrar, também, do sucesso do pioneirismo brasileiro nas aplicações de células-tronco adultas em seres humanos, no tratamento das cardiopatias, doenças auto-imunes, lesão de medula espinhal, lesão de nervos periféricos, entre outras.

Como se percebe, em vez de o governo aplicar recursos na manipulação e eliminação de seres humanos, transformados em cobaias, como no nacional-socialismo alemão, poderia investir maciçamente na investigação das células-tronco do próprio paciente ou na dos cordões umbilicais.

Creemos que, se o STF declarar a inconstitucionalidade da manipulação dos embriões humanos, voltará o governo seus olhos para aquelas experiências com células-tronco adultas, cujos resultados, no mundo inteiro, são cada vez mais auspiciosos.

Indignação

O texto "Verdade sobre células-tronco embrionárias" ("Tendências/Debates", pág. A3, 8/6) causa indignação. Sobretudo pela fragilidade dos argumentos daqueles que sustentam que células embrionárias – que ainda não dispõem de sistema nervoso, estão congeladas há anos e serão descartadas – devam gozar de proteção maior do que a atribuída a uma pessoa, que tem sensações, sentimentos e relações. A esse punhado de células garante-se uma vida que ainda não existe de fato e que jamais se efetivará. À pessoa nega-se qualquer esperança de cura, de saúde ou de bem-estar. O texto publicado não resolve uma contradição elementar: por que pessoas e instituições que se opõem ao uso terapêutico de células-tronco embrionárias, não condenam igualmente a retirada de órgãos após a constatação de morte cerebral? Retirar órgãos de um paciente que não tem atividade cerebral é mais aceitável que tirar do freezer de uma clínica células embrionárias? Se aceitamos que a vida termina quando o cérebro pára de funcionar, devemos, por uma simples questão de coerência, admitir que ela se inicia no momento em que as terminações nervosas começam a se formar no embrião. Sou a favor da vida e, portanto, a favor dos transplantes e das terapias com células-tronco embrionárias." **Marisa Moreira Salles** (São Paulo, SP).

Excelente

"Achei excelente o artigo "Verdade sobre células-tronco embrionárias". Eu me pergunto por que demorou tanto para virem à tona os esclarecimentos e fundamentos desse assunto tão polêmico. Quais são os interesses por trás do boicote às pesquisas com células-tronco adultas? Penso que, se alguma dúvida existia, agora está tudo muito claro." **Cristina Pacheco** (São Paulo, SP).

[\(Voltar ao índice\)](#)

Livro da semana

BELLUZZO, LUIZ GONZAGA. ENSAIOS SOBRE O CAPITALISMO NO SÉCULO 20. SÃO PAULO: UNESP. 2005.

*Leda Paulani, professora da USP e presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) apresenta o livro acima, em artigo publicado no **Jornal do Brasil**, em 4 de junho de 2005. Leda Paulani é autora do recém-lançado **Modernidade e discurso econômico** (Boitempo Editorial), livro no qual analisa as raízes filosóficas e ideológicas do que chama de doutrina neoliberal. Ela estará na Unisinos, convidada pelo IHU, participando do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, no próximo dia 23 de junho. Na ocasião, falará de Karl Marx, a partir do tema *A utopia de um novo paradigma para a economia*. Dela publicamos uma entrevista na 144ª edição do **IHU On-Line**, de 6 de junho de 2005.*

DA ECONOMIA À POLÍTICA, BELLUZZO DISSECA UMA CIVILIZAÇÃO QUE AGONIZA

O que foi o século XX? Se olharmos para a paisagem humana e social do planeta ao final desses 100 anos, o diagnóstico não será dos mais favoráveis: crises financeiras em série, desastres ecológicos, continentes inteiros comprometidos pela inanição e/ou por dívidas impagáveis, violência incontrolável, horizonte intelectual rebaixado e o poder imperial americano conformando a marcha histórica. Além disso, ao longo desse período, a humanidade enfrentou duas guerras mundiais, uma grande depressão, o horror do totalitarismo e o horror nuclear.

Ao mesmo tempo, porém, o século XX foi o período em que se registraram impensáveis conquistas técnico-científicas, em que o crescimento da riqueza material foi inusitado, em que as conquistas sociais e políticas abriram novos horizontes, em que as liberdades individuais foram firmadas e reafirmadas pela liberalização dos costumes e pelo respeito às diferenças, em que os ideais cívicos e republicanos foram em alguma medida objetivados.

Como dar conta desse paradoxo? Já nas primeiras páginas de **Ensaio sobre o capitalismo do século 20**, o professor Belluzzo esboça uma resposta a essa intrigante pergunta. O século XX, afirma ele no primeiro ensaio que abre e dá o tom a todo o livro, foi o século do Estado-Nação. Foi nesse *locus* político que se construíram as conquistas republicanas. Foi também aí que os direitos sociais foram consagrados e que se abriu o espaço para pesquisas que elevaram a esperança de vida etc. De outro lado, a feroz concorrência entre os Estados-Nação está igualmente por trás das tragédias desse mesmo século, as guerras mundiais, as grandes crises, o autoritarismo, a ameaça nuclear.

Contudo, o Estado-Nação não está sozinho nessa história. Ele anda sempre junto com o capitalismo, mas a parceria que ambos entabulam não é sempre do mesmo tipo. Ao longo dos novecentos, ela mudou de cara várias vezes e é isso que vai afinal explicar tamanha

ambigüidade. A primeira e principal tese, de inspiração keynesiana, reafirmada em vários dos ensaios que compõem esta coletânea, é que o capitalismo, entregue à sua própria lógica, é uma ameaça à vida civilizada. Para Belluzzo, a grande depressão dos anos 30 foi o resultado do desenvolvimento de rivalidades nacionais irreduzíveis e da ausência de mecanismos de coordenação que fossem capazes de frear o movimento de ação e reação que passa a ocorrer entre os Estados-Nação, num ambiente em que o padrão-ouro, tão enaltecido pela ordem liberal burguesa por seu caráter "impessoal", provocava desordem monetária ao invés de harmonia. Já o nazismo, e aqui o autor resgata as teses de Karl Polanyi, não foi outra coisa senão a vingança brutal da política contra as peripécias cegas do mercado. A autobiografia de Schacht, o banqueiro de Hitler, que Belluzzo comenta, ratifica inequivocamente essas teses.

Para Belluzzo, foi o resultado tenebroso da experiência do entre-guerras e da própria Segunda Guerra que convenceu os dirigentes mundiais da necessidade de algum tipo de coordenação "extranacional" que minimizasse os efeitos da concorrência desenfreada entre os diversos Estados-Nação. Mesmo sem levar em conta todas as prescrições de Keynes, essa a segunda tese do livro, o arranjo que brota de Bretton Woods foi virtuoso e conseguiu combinar, por 30 anos, liberdade, igualdade, fraternidade e eficiência. Resta saber, pergunta-se Belluzzo, quando é que as sociedades empenharão suas forças para reinventar essa ordem econômica.

A proeminência americana na (des)ordem capitalista atual parece ser, para ele, a inimiga nº 1 dessa alvissareira possibilidade. A promiscuidade histórica da era Bush, pautada pelo arbítrio, pelo favorecimento e pela obscuridade, mostra que, ao contrário do que indica a linguagem pacificadora do neoliberalismo, não há hoje outra regra no "jogo capitalista" que não a lei do mais forte, a exceção e a violação sistemática das regras do estado de direito. Essa situação, comandada pelos falcões das altas finanças que voltaram a deter o controle do estado americano, ao mesmo tempo em que desmoraliza a política para colocá-la a serviço das ambições pessoais, faz troça dos ideais iluministas e de seu programa de garantias da liberdade e da igualdade. Num artigo com o sugestivo título de "O porrete da liberdade", escrito em meio aos preparativos americanos para a invasão ao Iraque, Belluzzo afirma que a supremacia apoiada na superioridade das armas e no despotismo da economia desregulada dispensa as mediações da ordem jurídica e não quer ou não precisa compreender nada. Para ele, o difícil nessa situação é escapar do maniqueísmo do Bem contra o Mal, que se transforma na linguagem não só dos algozes como também de suas vítimas, e conclui: "o que chamamos de civilização agoniza melancolicamente, balbuciando uma visão primitiva de mundo indigna até mesmo da Idade da Pedra".

Mas o livro não tem todo esse ar funesto. Nas quatro crônicas sobre futebol do apaixonado palmeirense que é Belluzzo, e que fecham a coletânea, a descrição da magia e da beleza dos lances de Ademir da Guia ou Canhoteiro mostra que, pelo menos no que tange ao esporte bretão, a humanidade, ou melhor, a comunidade alviverde, ultrapassou em muito a idade da pedra.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Filme da semana

Os filmes apresentados nesta editoria já foram vistos por algum colega do IHU.

A QUEDA

Ficha técnica

Nome: A Queda! - As Últimas Horas de Hitler

Nome original: Downfall / Der Untergang

Cor filmagem: Colorida

Origem: Alemanha - Áustria – Itália

Ano produção: 2004

Gênero: Drama – Histórico

Duração: 156 min

Classificação: livre

Direção: Oliver Hirschbiegel

Elenco: Bruno Ganz, Alexandra Maria Lara, Corinna Harfouch, Ulrich Matthes, Juliane Köhler, Heino Ferch

Reproduzimos o comentário de Luiz Zanin Oricchio, sob o sugestivo título abaixo, publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 12 de junho de 2005.

POUCAS VEZES A FIGURA DO MAL FOI TÃO BEM ILUSTRADA**Por Luiz Zanin Oricchio**

Quando Oliver Hirschbiegel resolveu filmar *A Queda!*, sobre os últimos dias de Hitler e sua *entourage* no *bunker* de Berlim, a pergunta inevitável se fez ouvir: por que, mais uma vez, colocar o monstro nas telas? E, ainda por cima, tentando lhe dar uma cara humana?

Bem, há uma passagem da história brasileira que pode servir como paralelo para esse debate, quando Ruy Barbosa propôs que se incinerassem todos os documentos relativos à escravidão para apagar a lembrança da ignomínia da face da Terra. Então, a resposta é a mesma para os dois casos, e para outros que tratam do horror que seres humanos cometem contra seus semelhantes: trata-se da História. Precisamos saber de que material somos feitos. Por uma simples necessidade de conhecimento, mesmo, e para que, no futuro, talvez se possa evitar a recorrência de fatos semelhantes.

Nem isso é certo. Não está provado que quem não conhece a história tende a repeti-la, como dizia Santayana. Pelo menos não se pode inferir, de forma mecânica, a consequência do que diz a frase, ou seja, que o conhecimento da história poderia nos prevenir de toda possibilidade de repetição dos seus piores momentos. Mas, de qualquer forma, é de se supor que o conhecimento seja uma espécie de vacina contra a barbárie, que pode não funcionar em 100% dos casos, mas ainda assim, com suas limitações, ajuda a prevenir as recidivas. Assim, justifica-se a preservação da memória daquilo que é ignóbil: a escravidão, a prática das torturas pelas ditaduras do mundo todo, e do nazismo, que cometeu a barbárie maior do século XX, desencadeando uma guerra que custou quase 60 milhões de vítimas pelo mundo, das quais os 6 milhões de judeus do Holocausto.

Em consequência, a filmografia sobre a 2ª Guerra Mundial é das mais extensas. E o Holocausto figura entre os temas mais abordados, com obras como o monumental *Shoah*, de Claude Lanzmann, com mais de 9 horas de duração, aos mais recentes *A Lista de Schindler*, de Steven Spielberg, e *A Vida É Bela*, de Roberto Benigni. A questão polêmica com *A Queda!* é ser filmada “do outro lado”, do ponto de vista dos nazistas, e, em particular, de suas figuras mais execradas, o próprio Hitler e também o casal Goebbels.

Hirschbiegel ambienta seu filme no espaço claustrofóbico do *bunker*. Seu retrato de Hitler, magistralmente interpretado pelo suíço Bruno Ganz, nada tem de adocicado e em nada procura atenuar os crimes cometidos. Pelo contrário. Vemos um ditador à beira do abismo, em perda progressiva de contato com a realidade, mas ainda disposto a sacrificar seu próprio povo, a Alemanha ariana, em seu delírio de poder. Hitler, às vezes, é visto planejando operações com exércitos que não existem mais. E, outras vezes, quando tem consciência de que o fim está próximo, mostra o desejo de levar consigo o máximo de pessoas possível. Se o povo alemão não pôde ganhar a guerra, diz, não merece viver. Essa é a figura mostrada. Humana, sim, e monstruosa também. Poucas vezes, na tela, a figura da banalidade do Mal, apresentada por Hannah Arendt, foi tão bem ilustrada. O filme fez grande sucesso na Alemanha. O desejo de saber o explica. É mais forte do que a repulsa.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no sítio www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU).

“Mensalão”. Acusado no caso dos Correios, deputado do PTB reage e ataca governo Lula e base aliada

Roberto Jefferson cumpriu a promessa de quealaria. E falou muito na entrevista exclusiva, de duas páginas, publicada pelo jornal **Folha de S. Paulo** de 6-6-05. A entrevista foi feita pela jornalista Renata Lo Prete. O presidente do PTB disse que na base das dificuldades que o governo enfrenta no Congresso estão problemas com o chamado "mensalão", uma mesada de R\$ 30 mil que seria distribuída a congressistas aliados pelo tesoureiro do PT, Delúbio Soares. A prática durou até o começo do ano, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, segundo Jefferson, tomou conhecimento do caso, pelo próprio petebista. Outros ministros, como José Dirceu (Casa Civil) e Antonio Palocci (Fazenda) haviam sido alertados antes do esquema - que beneficiaria pelo menos o PP e o PL. Jefferson está há três semanas no centro do noticiário pelas denúncias que atingem os Correios e o Instituto de Resseguros do Brasil, estatais que têm indicados do PTB em seus quadros. A crise decorrente das denúncias levou a um pedido de CPI que o governo pretendia enterrar nesta semana - agora, Jefferson diz que defende e quer a investigação. Segundo ele, a cúpula do PTB rejeitou a oferta do "mensalão", feita ainda em 2003, e, a partir de então, ele denunciou a prática a ministros e líderes do governo. "O Zé [Dirceu] deu um soco na mesa: "O Delúbio está errado. Eu falei para não fazer". Jefferson conta que, em janeiro deste ano, falou com Lula. "Presidente, o Delúbio vai botar uma dinamite na sua cadeira. Ele continua dando "mensalão" aos deputados." "Que "mensalão"?". Jefferson explicou. "O presidente chorou." E depois da conversa com Lula? "Tenho notícia de que a fonte secou. A insatisfação está brutal [na base aliada] porque a mesada acabou." Chamado a explicar a lógica da mesada, Jefferson diz: "É mais barato pagar o exército mercenário do que dividir poder". O PT, no entender do deputado, "nos usa [aos partidos aliados] como uma amante e tem vergonha de aparecer conosco à luz do dia".

“Necessitamos seis anos para fazer as mudanças que prometemos”, afirma José Dirceu em entrevista ao *El País*

José Dirceu, ministro chefe da Casa Civil, concedeu uma entrevista ao jornal espanhol *El País* de 7-6-05. O jornal o chama de superministro. "Para realizar as mudanças que prometemos precisamos de seis anos de Governo. O que ocorre nestes momentos no Brasil é simples: a oposição quer antecipar para agora mesmo a agenda eleitoral. Isto encurta o mandato a dois anos e meio. Estamos acostumados a ter eleições municipais e de governadores a cada dois anos. Não se paralisa o país nem o congresso. O Governo pode seguir atuando. Mas dito isto, é preciso trabalhar para reeleger Lula. O programa de modernização política e o sistema de proteção social requerem mais quatro anos de Lula", afirma José Dirceu na entrevista publicada pelo jornal espanhol.

Lula pode sofrer processo de impeachment, afirma Fábio Konder Comparato

O advogado Fábio Konder Comparato, presidente da Comissão de Defesa da República e da Democracia, entende que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva poderá sofrer processo de impeachment se forem comprovadas as denúncias de suborno de deputados feitas pelo presidente do PTB, deputado Roberto Jefferson. "A rigor, se ficar comprovado o ato de corrupção, há várias implicações penais. Configura, inclusive, o crime de responsabilidade por parte do presidente, o que o sujeita ao impeachment", afirma Comparato. A notícia é do jornal *Folha de S. Paulo*, 7-6-05. A hipótese é admitida pelo advogado se for caracterizado que houve o suborno de parlamentares: "Ele [Lula], de qualquer maneira, estava ciente e mandou prosseguir ou ficou ciente e, como diz Roberto Jefferson, mandou frear a coisa, mas não tomou providências para apurar as responsabilidades". Para Comparato, "a primeira providência que deveria ter sido tomada seria o procurador-geral da República abrir um inquérito civil para apurar os fatos". Por sua vez, o constitucionalista Ives Gandra, segundo o *Jornal do Brasil*, 7-6-05, que, se comprovadas as denúncias do deputado Roberto Jefferson, presidente do PTB, de que o tesoureiro do PT pagava "mesadas" a parlamentares do PP e do PL, e que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e alguns ministros, avisados da prática de corrupção ativa e passiva, teriam sido omissos, eles poderiam ser enquadrados em crimes de responsabilidade. Ministros do Supremo Tribunal Federal concordam e avaliaram, em caráter reservado, que caso as denúncias se confirmem, Lula poderia sofrer processo de impeachment no Senado e ser investigado pelo STF por prevaricação.

O medo do gravador clandestino

Da coluna do jornalista Janio de Freitas, intitulada "A causa do medo", publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, 8-6-05: Sem emitir ainda uma só palavra, um personagem está posto, pelo medo que impõe, no centro da crise: o gravador clandestino. A expectativa de sua entrada ativa na cena é que está determinando as condutas dos já citados e dos passíveis de inclusão em revelações de improbidade e de suborno. Quando um governo, diante de situação problemática, precisa de longas reuniões para discutir e planejar sua resposta, não há dúvida: foi atingido em ponto de defesa difícil ou impossível. As várias e demoradas reuniões na Presidência da República demonstraram, antes mesmo de enfim sair uma palavra oficial, que não poderiam ser simplesmente negadas as afirmações do deputado Roberto Jefferson, apesar de não conterem nem sequer indício de comprovação. A probabilidade de gravações, que depressa inundou as especulações políticas, condicionou o sentido e a tibieza do pronunciamento emitido pela Presidência: a admissão sussurrante de que Roberto Jefferson "comentou" com Lula os pagamentos ilegais a parlamentares. Ainda que a contragosto, contrariamente à espontaneidade dos primeiros, Lula deu o seu terceiro atestado de idoneidade ao "parceiro" Roberto Jefferson. Assim como não o livrou das afirmações comprometedoras

feitas por Jefferson, a resposta palaciana criou para Lula um desdobramento ameaçador. Prestou melhor serviço ao ministro Aldo Rebelo, que, há meses com a adaga petista voltada para seu pescoço, falou pela Presidência para vingar-se: "O problema não é com o governo, é com o PT".

Governo do Brasil contra as cordas. Um terremoto político

"Uma denúncia de subornos a deputados põe o Governo do Brasil contra as cordas" é a manchete do jornal espanhol *El País* de 8-6-05. Segundo o jornal, "o Brasil vive um terremoto político depois que Roberto Jefferson, presidente do PTB, acusou o governo de Luiz Inácio Lula da Silva de ter subornado deputados de partidos aliados com 30.000 reais (10.000 euros) ao mês". Sempre segundo o *El País*, "pela primeira vez constitucionalistas e juizes falam do processo de destituição, recordando que o caso é muito parecido ao que obrigou o ex-presidente Fernando Collor a se demitir. O mais sintomático é que as acusações não são da oposição mas de um dos aliados mais fiéis do Governo, o PTB, com 52 deputados, a metade dos que têm o PT".

Por que o PSDB está tão bonzinho com Lula, segundo Ricardo Noblat

Do blog de Ricardo Noblat, 7-6-05: O PSDB vestiu o modelito da prudência para encarar a mais grave crise política do governo Lula, e não parece disposto a trocá-lo. O que deu no PSDB? Muito simples. Os cardeais do partido, liderados pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, começaram de fato a acreditar nas chances de derrotar Lula no próximo ano. Há 15 dias, pesquisa do Instituto Sensus registrou que somente o prefeito José Serra seria capaz, hoje, de levar Lula para o segundo turno. Mais recentemente, o DataFolha conferiu que haveria segundo turno se o PSDB disputasse com Serra, Alckmin ou Fernando Henrique. E o PMDB e o PFL lançassem candidatos. E a senadora Heloísa Helena (PSOL-AL) fosse à luta. Tudo o que os cardeais emplumados não desejam a essa altura, pois, é que a crise - essa ou qualquer outra - enfraqueça Lula a ponto de ele desistir da reeleição. Ou então muito pior: a ponto de ele vir a ser substituído pelo vice José Alencar. Daí os bons modos com Lula. Daí a disposição de ajudá-lo a atravessar dias piores que ainda estão por vir.

"O estrago já está feito", avalia cientista político do IUPERJ

As denúncias do deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ), de que o PT pagava uma mesada a deputados em troca de apoio, afetam a sucessão presidencial, avalia o professor e cientista político Jairo Nicolau, do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ). "O estrago já está feito. O envolvimento de pessoas do PT num escândalo dessa magnitude já mancha a história de um partido apoiado nos pilares da ética na política e no comportamento", diz para o jornal *Valor*, 9-6-05. Ele lembra que o PT passou por duas CPIs, a envolvendo Fernando Collor, a dos anões do Orçamento e nenhum de seus membros foi envolvido em todos os planos, nacional, regional e local. "Mas após o caso Waldomiro (Diniz) e a questão dos Correios, agora o partido está desgastado", disse. Para o professor, o que preocupa é que o deputado Roberto Jefferson é um político experiente e advogado criminalista: "Pode ser até que ele esteja imaginando um jogo para frente, mas não é um político amador que simplesmente falou demais. Ele é do ramo e sabe que cada uma dessas acusações podem ter conseqüências devastadoras sobre a vida e a carreira dele", avalia. "Falta ao PT um PFL que durante sete anos do governo Fernando Henrique (Cardoso) e deu apoio incondicional. O PT não conseguiu achar o seu PFL, um partido diferente mas que lhe desse apoio razoável. O PMDB poderia ter sido o PFL do PT. Mas o governo não ofereceu o que ele queria. Houve umas chantagens, Lula

endureceu e o PMDB demorou um ano a voltar a apoiar o governo", resume. Segundo o cientista político, "no segundo ano, com a crise envolvendo Waldomiro Diniz, o governo Lula perdeu seu maior articulador político, o ministro José Dirceu, que fazia o papel de ligação entre o Executivo e o Legislativo. "A partir dali o governo foi perdendo capacidade de articulação. Já ficou confuso o processo de eleição do presidente da Câmara dos Deputados. O mais acertado seria a reeleição de João Paulo, mas foi lançado o nome de (Luiz Eduardo) Greenhalgh. Depois disso veio a dificuldade de montagem de um novo ministério. Havia nomes praticamente empossados, fazendo já festas de posse e o presidente acabou não fazendo a reforma. Depois, veio o Severino (Cavalcanti) e a coisa de lá para cá desandou mesmo. O governo perdeu o controle da atividade legislativa. E acho também que não tem muito interesse de retomar, pois os temas da ordem do dia não são mais tão fundamentais para serem retomados", analisa.

"Golpismo branco toma a dianteira do processo", afirma cientista político carioca

"O golpismo branco tomou a dianteira do processo e dispõe de três objetivos, dependendo das oportunidades que o destino proporcione: o primeiro é, obviamente, o impedimento do presidente. As declarações em contrário só fazem estimular a circulação da idéia, e todas as vezes que um líder tucano anuncia que Lula não é Collor está justamente buscando tornar razoável a aproximação. É um disparate imaginar que a oposição tucano-pefelista é sempre responsável. O PSDB de São Paulo está sendo institucionalmente provocador". A denúncia é de Wanderley Guilherme dos Santos, cientista político e Pró-Reitor da Universidade Candido Mendes do Rio de Janeiro em artigo "Ninguém se engane: há golpes fatiados" publicado no jornal **Valor**, 9-6-05, citando longamente o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Para o cientista político "a segunda janela é evitar que o governo governe, ocupar permanentemente o Congresso com qualquer atividade, menos a de legislar. A razão é simples, embora obscurecida pela barragem de desinformação da mídia: o governo vem obtendo sucesso. Muito sucesso, aliás, em diversas dependências. A crítica de inépcia administrativa é patética. Se o que acontece é inépcia, a oposição deveria rezar para que o governo não se tornasse eficiente. Por isso, se puder, vai manter o governo paralisado. Nunca se sabe se daí não pode sair um 'impeachment". E conclui: "a terceira meta é contrabandear uma reforma institucional, isto é, partidária e eleitoral, fantasia preferencial do golpismo farisaico. Ninguém quer golpe, dizem candidamente, apenas aproveitar a oportunidade para fazer passar o que em condições constitucionais normais não passa. O ex-presidente Fernando Henrique, sem precisar mover uma palha, apenas alguns dígitos de computador, estabeleceu a palavra de ordem repetida pelas colunas jornalísticas, por magistrados, por políticos, por passantes desocupados, e, agora, também pelo presidente Luiz Inácio. Por enquanto, quem está dando as cartas é a oposição tucano-paulista".

GM demite 25 mil trabalhadores

25 mil é o número de empregos suprimidos pela General Motors nos EUA de hoje até 2008. "O custo de um operário da GM na China representa cerca de 10% do custo de um operário americano", explicou Rick Wagner, diretor presidente da maior empresa automobilística do mundo, segundo o jornal **Le Monde**, 8-6-05.

A falta de alternativas, segundo Edgar Morin

"Quem se opôs ao texto da constituição europeia não propôs nenhum projeto alternativo: nenhum desenho, nenhuma idéia de uma outra Europa, nenhuma prospectiva para uma nova economia, para uma nova sociedade. Também eu creio que seja possível realizar uma Europa

melhor do que esta, mas ninguém daqueles que promoveram o 'não' tem um projeto delineado da Europa que se quer". A opinião é de Edgar Morin, expressa numa longa entrevista publicada na página web italiana **CafféEuropa**, 31-5-05. Segundo Morin, "a política tem sido incapaz de ligar a idéia da Europa a valores importantes". Quem quer a Europa não consegue convencer as pessoas que a Europa é vontade de construir e promover uma civilização mais madura; ao contrário, só se fala de economia e é emblemático que a palavra mais recorrente nos discursos públicos seja crescimento, crescimento, crescimento... Talvez vale a pena fixar a nossa atenção sobre um mundo com um pouco menos de crescimento, mas que viva melhor".

O "não" francês. Um "chega pra lá" no dogma da globalização, segundo jornal francês

Mais uma vez, ao dizer 'não' de maneira retumbante, no dia 29 de maio de 2005, ao projeto constitucional para a Europa, a França rebelde foi fiel à sua tradição de "nação política por excelência". Ela sacudiu o Velho Continente, suscitando, novamente, a esperança dos povos e a inquietude das elites estabelecidas. Ela se religou com sua "missão histórica" fazendo a prova, pela audaciosa ação dos seus cidadãos, que é possível escapar da fatalidade e dos pesadelos dos determinismos econômicos e políticos". Com estas palavras, o editorial do jornal mensal **Le Monde Diplomatique**, junho de 2005, saúda a vitória do "não" francês à constituição europeia. Segundo o editorial, assinado por Ignácio Ramonet, "pois este "não" tem um significado central: ele marca um 'chega pra lá' na pretensão de impor, em todas as partes do mundo e desprezando os cidadãos, um único modelo econômico – aquele definido pelo dogma da globalização". Para o jornal, "este voto foi majoritariamente pró-Europa" e não foi um voto nacionalista. E o editorial conclui: "No estrangeiro, alguns interpretaram este "não" como um enfraquecimento da Europa face aos EUA pois deixaria a grande potência sem um contrapeso. Eles se enganam: a constituição teria alinhado ainda mais a União (especialmente no plano militar) com os EUA. Agora se criou uma nova situação, permitindo uma rediscussão dos valores e das regras do viver em comum na Europa. Este querer viver não será mais reduzido ao grau zero que é a liberdade de circulação de capitais, de bens, de serviços e, mesmo de pessoas. Deste ponto de vista, o "não" do dia 29 de maio não fecha nenhuma porta. Ele permite, pelo contrário, todas as esperanças".

A Europa social volta ao debate depois do duplo "não"

Depois do duplo "não" da França e da Holanda ao projeto de constituição da Europa, vários dirigentes europeus buscam responder às preocupações expressas nos dois países, abrindo um debate sobre o modelo social que a Europa necessita. A notícia é do jornal **Le Monde**, 9-6-05. Face às inquietações provocadas pelos efeitos da globalização, eles desejam buscar elementos de um possível consenso, para além das divisões entre partidários e adversários do tratado. Antes que endurecer as oposições entre os que defendem uma Europa liberal e os defensores de uma Europa social, eles querem mostrar que é possível, como disse o presidente da Comissão europeia, José Manuel Barroso, de "preservar" e de "modernizar" o modelo europeu. Prestes a assumir a presidência da União, Tony Blair, numa entrevista concedida ao **Financial Times**, se mostra ouvinte daqueles que votaram "não" ao tratado e pedem uma redefinição das orientações para a Europa, que passa, segundo ele, por uma reflexão sobre seu modelo social. Na entrevista, Blair afirma que a Europa não deve "renunciar a seu modelo social". Segundo o secretário da Confederação europeia de sindicatos – CES – John Monks, o primeiro ministro britânico está usando "um novo tom" depois do plebiscito francês e holandês.

O catecismo moral

Os representantes do Vaticano, tendo à frente o cardeal colombiano Alfonso Lopes Trujillo, como também as autoridades da conferência dos bispos franceses, apresentaram no dia 1º de junho o Léxico dos termos ambíguos e controvertidos sobre a família e as questões éticas. A notícia é do jornal **Le Monde**, 2-6-05. Este monumento de 1 000 páginas é uma espécie de “catecismo moral” que não tem precedente sob esta forma. Sua redação durou onze anos e reúne setenta expertos, teólogos e médicos. O Léxico quer precisar as posições da Igreja sobre questões como aborto, homossexualidade, casamento, eutanásia, bioética; responder à multidão de contestações; denunciar as “manipulações de linguagem” que buscam tornar “anódinas” as reformas dos costumes, já legalizadas ou não, que, para a Igreja, colocam em causa o equilíbrio da sociedade. Este instrumento, segundo Henri Tincq, vaticanista francês, que se endereça aos governantes, aos parlamentares, a todos os especialistas em bioética, é marcado por um ‘parti pris’ de denúncia das evoluções liberais na vida dos casais e dos indivíduos. E Henri Tincq conclui a longa reportagem escrevendo: “Mais que um léxico, este documento é um catálogo de prescrições nas quais se reconhecerá o abismo entre o magistério romano e a evolução dos costumes nos países como a Alemanha, Itália, Espanha, França e América do Norte”.

Brasil na luta internacional pelos transgênicos

Várias instituições estão denunciando que o Brasil, com mais uns poucos países (entre 119), impediu em Montreal, na reunião do Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança, a aprovação de decisão que obrigaria a identificar claramente a presença de transgênicos em qualquer mercadoria no comércio internacional. Como na delegação brasileira prevaleciam representantes das áreas governamentais que não se preocupam com biossegurança nem com meio ambiente - Agricultura com 6, Desenvolvimento com 4 e Ciência e Tecnologia com 3, contra 3 da Saúde e 3 do Meio Ambiente), optamos pela insegurança. Como era indispensável o consenso, a decisão foi rejeitada. A informação é do jornalista Washington Novaes no seu artigo publicado no jornal **O Estado de S. Paulo**, 10-6-05. Segundo o jornalista, “não bastassem os contratemplos e pesadelos na política interna, gerais e específicos da dita área ambiental (índices de desmatamento na Amazônia, quadrilhas na área madeireira de Mato Grosso incluindo altas autoridades, controvérsia sobre concessão de florestas, etc.), estamos agora com mais estas polêmicas a revelar que a chamada ‘transversalidade’ das políticas ambiental e de saúde não prevalece no governo federal”.

O Brasil e o milho transgênico que altera sangue e rins de ratos

Continua a discussão em torno do estudo da maior produtora de alimentos transgênicos, divulgado pelo jornal **The Independent**, segundo o qual ratos alimentados com milho geneticamente modificado apresentaram alterações no sangue e rins menores (comparados com o grupo que se alimentou de milho convencional). Retorna-se à primeira polêmica sobre transgênicos, quando o cientista Arpad Pusztai divulgou na Inglaterra estudo mostrando conseqüências ainda mais graves também em ratos alimentados com transgênicos. Pusztai quase foi crucificado. Mas aqui se decidiu que a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) poderá liberar experiências ou plantio de transgênicos sem que o Meio Ambiente ou a Saúde possam exigir estudos prévios de impacto ambiental ou de riscos para a saúde... E não é a nossa única polêmica interna nessa área. A CTNBio, sem o quórum necessário, liberou a importação de milho transgênico argentino, acompanhada pelo Ministério da Agricultura. A informação é do jornalista Washington Novaes no artigo acima citado.

Brasil se opõe a aumentar imposto sobre bebidas alcoólicas e não ratifica o tratado sobre o fumo

Na área do consumo de bebidas alcoólicas, outra polêmica. Apesar de o Ministério da Saúde afirmar que não se opõe a um aumento de impostos sobre essas bebidas - para reduzir o consumo - nem a outras medidas restritivas, na Organização Mundial de Comércio ficamos contra projeto que incluía numa resolução exemplos de políticas que poderiam ser adotadas para coibir o consumo excessivo - entre elas, o aumento de impostos. Na área do fumo não é diferente. Há um ano a Organização Mundial de Saúde (OMS) aprovou tratado para controle do uso de tabaco, após uma negociação de três anos, conduzida exatamente pelo Brasil. O tratado foi negociado a partir de estudos da OMS que mostram 52 patologias relacionadas ao uso do tabaco. Mas agora o Brasil não ratifica o documento e não o põe em vigor no País. Embora muitos especialistas digam que há alternativas, a razão apresentada é a de que, como somos o segundo maior produtor de fumo e o maior exportador, 153 mil famílias de produtores no sul do País seriam prejudicadas. A informação é do jornalista Washington Novaes no artigo acima citado.

Brasil resiste em banir o amianto

Do artigo do jornalista Washington Novaes publicado dia 10-6-05, no jornal **O Estado de S. Paulo**: Na semana retrasada, mais um vexame. No VII Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental, na cidade de Goiás, o vídeo vencedor, *Amianto - Uma Morte Lenta*, da França, levou o deputado federal Ronaldo Caiado (PFL-GO) a tentar, por telefonema à coordenação, impedir a exibição (ele nega, mas há registro). No vídeo - que foi exibido sem restrições -, entrevistado, o deputado admite haver recebido recursos da única empresa mineradora de amianto no País (Minaçu - GO). Mas diz que a contribuição é legal, foi declarada à Justiça Eleitoral e recebida também por outros parlamentares. Há muito tempo o Brasil vem recebendo pedidos externos e internos para banir o uso do amianto, já proibido em dezenas de países. Vários Estados e municípios brasileiros votaram pelo banimento, mas a Justiça decidiu que a competência para isso é federal. Há meses uma comissão interministerial recolheu os votos dos Ministérios da Saúde, do Meio Ambiente, do Trabalho e da Previdência pelo banimento, contra os votos dos Ministérios das Minas e Energia e do Desenvolvimento. A decisão está parada na Presidência da República. E o jornalista conclui: "E assim vamos, fazendo de conta, contingenciando (38% de R\$ 663 milhões) o orçamento do Ministério do Meio Ambiente, que já é um dos menores na área federal. Aprovando projetos questionáveis como o da transposição das águas do São Francisco. Aprovando a ocupação de áreas de preservação permanente sem estabelecer um limite de tempo. Muitas coisas".

Militantes organizam uma marcha para combater a ideologia do crescimento

No dia 7 de junho, partiu de Lyon, na França, a marcha de cinquenta militantes contra o crescimento. A marcha vai em direção de Nièvre, no circuito automobilístico de Magny-Cours, no dia 3 de julho. A notícia foi publicada pelo jornal **Le Monde**, 8 de junho de 2005. A marcha tem como objetivo "pedir a supressão imediata do Grande Prêmio da França de Fórmula 1, paroxismo de poluição e de desperdício de recursos naturais", segundo o jornal *La Décroissance* (O Decrescimento), organizador desta ação que é apoiada por José Bové e Albert Jacquard. "Nós queremos o fim deste lazer anacrônico reservado a uma vintena de ricos enquanto que gasta à toa o petróleo e desregula perigosamente o clima". Segundo o sociólogo Paul Áries, "o decrescimento não é a idealização do passado. Ele não é o decrescimento de

todos para todos: ele diz respeito, em primeiro lugar, às sociedades opulentas e às pessoas opulentas. Assim, ela põe a questão da partilha, portanto da democracia”.

O nosso sistema econômico se copiar o consumo americano necessita sete planetas terra

“Não há outro opção que não o decrescimento, porque o planeta e a espécie humana estão ameaçadas na sua sobrevivência”, afirma José Bové em entrevista publicada pelo jornal **Le Monde**, 8-6-05. Segundo ele, “o sistema econômico no qual nós vivemos necessitaria três ou quatro planetas se todos os seres humanos adotassem o modo de vida europeu, sete planetas se for o modelo dos EUA. Mais. 80% dos recursos do planeta são utilizados por menos de 20% dos habitantes. Portanto, o sistema não pode ser estendido para todo o planeta, pois isso não permitiria a sobrevivência das gerações futuras sobre a Terra”. Jose Bové, questiona a atual solução apresentada para reduzir o desemprego que consiste em alargar, sem cessar, a esfera das atividades “mercantilizadas”. “Na realidade, afirma o líder da Via Campesina, é necessário passar por uma partilha do trabalho e por uma importante redução do tempo de trabalho até chegarmos a 32 horas semanais”. Segundo Nicolas Hulot, produtor de televisão, a marcha tem o objetivo de “caminhar não para uma sociedade da privação mas para uma sociedade da moderação”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

A crise política

"A crise política está ficando fora de controle". - Cristovam Buarque, senador, PT-DF – O Estado de S. Paulo, 7-6-05.

“Más companhias”

“O governo paga o preço das más companhias”. – Olívio Dutra, ministro das Cidades - O Estado de S. Paulo, 8-6-05.

“Más companhias são assunto do governo, não do PT”. – José Genoíno, presidente nacional do PT - O Globo, 9-6-05.

“O presidente Lula, que tanto gosta de metáforas e ditados populares, deveria lembrar de dois ditados populares: diga-me com quem andas e te direi quem és e, outro, quem com porcos anda farelos come”. – Jefferson Péres, senador – PDT-PA - O Estado de S. Paulo, 9-6-05.

O PT perdeu o rumo

“Os rumos do PT estão equivocados. Ou, quem sabe, o PT perdeu o rumo. Quando digo isso me refiro ao caminho que o PT traçou na sua origem e do qual se distanciou muito. Era um partido com um sentido, tinha um norte” – Plínio de Arruda Sampaio, ex-deputado constituinte – PT-SP - O Estado de S. Paulo, 12-6-05.

A crise do desencanto

“Vivemos a crise do desencanto” - Chico Alencar, deputado federal - PT-RJ - O Estado de S. Paulo, 12-6-05.

*“Já perdemos prestígio entre formadores de opinião e nos setores mais organizados da sociedade. A militância também já foi atingida. Há militantes falando de lado e olhando pro chão”. – Ivan Valente, deputado federal – PT/SP - **O Estado de S. Paulo**, 8-6-05.*

Lula candidato?

*“Eu não serei candidato novamente desse jeito. Não existe projeto individual, mas muitas pessoas parecem não entender isso” – Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, desabafando em conversa com os companheiros de partido - **O Estado de S. Paulo**, 12-6-05.*

O Lula não é Collor

*“O presidente tem uma história que merece o nosso respeito. O presidente Lula não é o presidente Collor”. – Aécio Neves, governador de Minas Gerais – PSDB - **Folha de S. Paulo**, 9-6-05.*

O Legado

*“O que me preocupa, acima de tudo, é a ameaça de ver o governo terminar no próximo ano sem deixar um legado ao país. Isso é péssimo” – Cristóvam Buarque, senador – PT-DF – **O Estado de S. Paulo**, 12-6-05.*

Dirceu e a política econômica

*“Se deixarem, [integrantes da equipe econômica] fazem o superávit primário de 7%, juros de 20%. Isso é uma disputa política. Não falar isso é faltar com a verdade para a sociedade”. – José Dirceu, ministro Chefe da Casa Civil – **Folha de S. Paulo**, 9-6-05.*

Lula e o marketing. O PT é vítima da despolitização

*“O momento em que eu acho que o trem começa a sair dos trilhos é quando o Lula decide, nessa última campanha, que vai ganhar – e que, para ganhar, é preciso ter dinheiro e um excelente programa de televisão. São premissas aparentemente sensatas. Mas, ao descobrir o imenso potencial do veículo e da linguagem publicitária, ele passou a superestimar o trabalho de marketing em detrimento do movimento social que o apoiava. E isso marcou o princípio do governo: a agenda dele passou a ser uma agenda de foto-oportunidade, para usar uma expressão dos ingleses. O presidente recebia misses, por exemplo, enquanto o Cristóvam Buarque, durante o tempo em que foi ministro, esteve com ele apenas uma vez. O ministro da Educação! Lula saiu da história para entrar no marketing” – Fernando Gabeira, deputado federal – PV-RJ - **Veja**, 15-6-05.*

*“Marqueteiros não são bons para o PT, são bons para esse sistema político que aí está. Em 1998, fui chamado para compor o núcleo de dirigentes que iria dar as linhas mestras da campanha Lula. Ali eu já vi o marketing se infiltrando no partido. Numa reunião do Diretório Nacional, eu disse que esse não era o nosso caminho, mas fui derrotado ruidosamente. Então cheguei para o Lula e avisei: 'Vou sair da sua coordenação de campanha porque não concordo com essa história de marketing. E vou acabar prejudicando você'. Na campanha seguinte, a de 2002, o que vimos foi o supra-sumo do marketing, um horror. O PT é vítima da despolitização do processo” – Plínio de Arruda Sampaio – ex-deputado constituinte e candidato a presidente do PT - **O Estado de S. Paulo**, 12-6-05.*

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

IHU Idéias

CIDADES PRIVADAS

Na quinta-feira, dia 16 de junho, das 17h30min às 19h, na sala 1G119, junto ao IHU, o evento **IHU Idéias** terá, em sua programação, a palestra Cidades privadas, que estará sob a responsabilidade do Prof. Dr. Paulo Edi Rivero Martins, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unisinos.

As relações entre a arquitetura e o turismo já foram abordadas pelo professor Paulo Edi no evento **IHU Idéias** de 18 de novembro de 2004, ocasião em que falou sobre o tema Metamorfosis: Arquitetura Turística em Florianópolis-SC. A palestra foi baseada na sua tese de doutorado em Arquitetura, defendida no passado, na Universitat Politècnica de Catalunya (UPC), na Espanha. O título da tese é Padrões Arquitetônicos e Urbanísticos do Turismo em Florianópolis. Paulo Edi é também graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele concedeu uma entrevista sobre o tema ao **IHU On-Line** na 123ª edição, de 16 de novembro de 2004.

Para aproximar os leitores do tema que abordará na próxima quinta-feira, o professor Paulo Edi concedeu uma entrevista por e-mail ao **IHU On-Line** na última semana. Confira, a seguir:

IHU On-Line- Como surgiu a pesquisa sobre a construção de "cidades privadas" em Foz do Iguaçu?

Paulo Edi - Com o objetivo de participar "51° CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS" e SIMPÓSIO "A CIDADE NAS AMÉRICAS. PERSPECTIVAS DA FORMA URBANÍSTICA NO SÉCULO XXI" decidimos sobre a abordagem desse tema, em conjunto com a professora Renata Santos de Oliveira, doutoranda em arquitetura na UPC-Universitat Politècnica de Catalunya, onde realizávamos doutorado. O trabalho teve seu germe inicial em uma monografia elaborada pelo grupo da professora Renata, para disciplina do curso de Especialização em Gestão Técnica do Meio Urbano (GTU Internacional – UTC França - PUC Paraná e UDC de Foz do Iguaçu). O aparecimento de "cidades" dentro das cidades é um fenômeno que surge após os anos 1970 e se expande favorecido por um crescente clima de insegurança ocasionado pelo aumento de população, crescimento anárquico das cidades e ampliação das diferenças sociais. Os questionamentos sobre o surgimento dos condomínios fechados e a multiplicação de favelas, como limites dentro das cidades, estudados e discutidos em nossos cursos de doutorado, enriqueceram e formataram o presente trabalho.

IHU On-Line - Qual é o contexto socioeconômico e geográfico que levou a esses dois padrões de ocupação: o dos condomínios fechados e o das favelas?

Paulo Edi - No Brasil, graças a uma política "desenvolvimentista", implantada a partir dos anos 1950, as cidades passam a vivenciar um modo de vida urbano característico da civilização

contemporânea (com manifestações sociais, coletivas e um processo migratório). Após os anos 1970, se intensificaram os fluxos migratórios em todas as direções, originando um novo padrão de ocupação (um paradoxo entre o processo de “interiorização” e ao mesmo tempo migração campo-cidade):

-O processo de interiorização promovido pelo governo fortaleceu antigos núcleos urbanos “perdidos” no interior do Brasil;

-A migração do campo para as grandes cidades, provoca, por sua vez, um processo de urbanização acelerado.

O aumento excessivo de população, nos grandes centros, provocou um crescimento anárquico, deterioração da qualidade de vida, desajustes entre o público e privado e falência da infraestrutura urbana (principalmente nos setores do saneamento, transporte e segurança). Gerou, também, crise de habitação para as classes menos favorecidas, conseqüente expansão para a periferia, e aumento do número de favelas, invasões e loteamentos clandestinos.

Em Foz do Iguaçu, a construção da hidroelétrica Itaipu originou um processo acelerado de urbanização, diversas intervenções públicas e uma forte especulação imobiliária, visando a atender a demanda da população que para lá se dirigiu a trabalho. O aumento desse contingente humano, de níveis sociais e econômicos distintos, favoreceu o surgimento dos padrões de ocupação daquele território.

IHU On-Line - Como podem ser constatados os sinais de uma economia globalizada nas “cidades privadas”?

Paulo Edi - O termo globalização, segundo Deak & Schiffer (org., 1999, p. 56.)²⁶, em linhas gerais, se reporta à idéia de um movimento inelutável de integração econômica de escala mundial, apoiado no desenvolvimento dos meios de comunicação e acoplado, sem maiores explicações, ao imperativo neoliberal. Na verdade, o que tem ocorrido é a privatização ou concentração das riquezas e a socialização da pobreza nos vários continentes. Os condomínios fechados, concebidos de uma lógica de exclusão e separação de seu entorno imediato, como se fosse um “fosso” dividindo riqueza da pobreza, exploram, em suas campanhas publicitárias pela mídia, a idéia de “locais onde se vive bem, com segurança, protegidos 24 horas, com espaço de lazer e excelência de qualidade de vida para toda a família”. Estão baseados em um “modo” de vida onde, além de a pessoa ter o *status* de morar em um local “privilegiado”, o automóvel tem papel essencial. Em sua maioria, limitam o acesso com barreira / portaria, muro perimetral alto, com vigilância 24 horas, infra-estrutura de serviços e equipamentos comunitários e recreativos, que só podem ser usados pelos moradores dos condomínios (é comum que os moradores do entorno destes condomínios, só tenham acesso a eles, mediante prestação de serviços). Localizam-se em áreas periféricas aos grandes centros da cidade ou ocupam grandes vazios urbanos, com acesso facilitado, o que pode originar “*situaciones recurrentes de enfrentamiento social entre los habitantes originales del barrio y los nuevos residentes, generalmente de mayor ingreso*” (MURILLO, 2001, p.327). A favelização vai ser um dos frutos contraditórios do processo de modernização, dinamização e desenvolvimento que atingiram grande número de habitantes das cidades. No Brasil, o surgimento das favelas está vinculado, em grande parte, ao surto manufatureiro-industrial surgido, principalmente, na região Sudeste, ainda no final do séc. XIX. Provenientes de movimentos migratórios, um grande

²⁶ DEAK, Csaba; SCHIFFER, Sueli (org.). **O Processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Ed. USP, 1999. (Nota do IHU On-Line).

contingente que irá chegar às cidades, não será absorvida de forma adequada. Exercendo atividades de subemprego e ocupando desordenadamente o solo urbano (normalmente se instalam em áreas desprezadas pelos agentes do mercado da terra e que são desvalorizadas por sua qualidade ambiental, níveis de declividade ou problemas geológicos, entre outros). Esta população ficará relegada a um plano secundário, em estado de extrema pobreza, com baixos níveis de qualidade de vida. As favelas se tornam elementos indesejáveis para parte da população e verdadeiros enclaves para a gestão municipal.

IHU On-Line - Como caracterizaria a arquitetura da exclusão social em Foz de Iguaçu?

Paulo Edi - As evidências são fortes ao compararmos os vários condomínios fechados, construídos, a partir da instalação da Usina de Itaipu, inicialmente para abrigar diretores e gerentes da empresa e posteriormente para outros grupos de classe média alta. Dispondo de guarita com circuito interno de TV, vigilância 24 horas, clube de lazer entre outras benfeitorias, os condomínios contam com modelos diferentes, entre 150 m² a 200 m², em grandes lotes ajardinados, sem cercas ou muros internos. Em situação oposta, as comunidades excluídas se instalam em favelas, sob redes de alta tensão, áreas de preservação ambiental, faixas de domínio do sistema viário, como beira de estrada ou margens de trilhos de trens, na maioria das vezes, sem infra-estrutura satisfatória, transformando-se em áreas de risco, favoráveis ao desmoronamento, enchentes, erosão, etc., Os muros, quer sejam reais, quer sejam “invisíveis” estão fixados, e como tal, possibilitam a divisão hierárquica da cartografia urbana em “zonas civilizadas” e “zonas selvagens”. Tarso Genro, ao tratar do futuro das cidades na nova ordem global, verifica que estas ditas zonas civilizadas, que fazem parte do contrato social, e que se sentem ameaçadas pelas ditas zonas selvagens, buscam no isolamento uma forma de defesa. É a segregação social dos excluídos. (GENRO, 2003)²⁷.

IHU On-Line - Que outros exemplos podemos encontrar no Brasil e no mundo? Até que ponto os processos que levam à formação de "cidades privadas" são equiparáveis?

Paulo Edi - Os processos de construção e expansão das cidades atuais apresentam descontinuidades e disparidades no Brasil ou em qualquer lugar do mundo. A proliferação acentuada das ocupações irregulares caracterizadas por favelas, invasões ou loteamentos clandestinos, e do outro lado, a difusão dos chamados condomínios fechados horizontais, nas modalidades de vilas, chácaras de lazer ou *countries*, entre outros, encontram maior contraste principalmente nos países em desenvolvimento. É possível reconhecer, nas favelas, semelhanças formais com os burgos medievais. A semelhança formal entre o burgo medieval e as favelas urbanas foi referida em palestras na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAUUSP). (MARICATO, p.122)²⁸

IHU On-Line - Algum outro aspecto que não foi perguntado e considere importante acrescentar?

²⁷ Tarso Genro, advogado, ex-prefeito de Porto Alegre e ministro da Educação no governo Lula, ministrou a oficina *Cidade, Justiça Social e Democracia: dilemas e desafios - O Futuro das Cidades na Nova Ordem Global*, durante o III Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, em 2003. (Nota do ***IHU On-Line***).

²⁸ Ermínia Maricato, ex-secretária de Habitação da gestão Luiza Erundina e diretora do Laboratório de Habitação da FAUUSP, é autora de diversos artigos sobre o tema. (Nota do ***IHU On-Line***).

Paulo Edi - As administrações públicas têm adotado medidas paliativas no trato da questão das favelas. No entanto, tratam de maneira isolada a questão, não considerando a dualidade do processo. Embora os condomínios façam parte da cidade formal, e as favelas da cidade informal, a análise não pode ser distinta. Tanto as favelas, como os condomínios fechados, representam situações de enclaves para a sociedade e como tal fazem parte do conjunto da cidade. Não podem ser analisados isoladamente, é necessário o comprometimento e a participação de toda a comunidade na resolução de seus problemas.

Quarta com Cultura Unisinos

CICLO DE ESTUDOS REPENSANDO OS CLASSICOS DA ECONOMIA

Na próxima quarta-feira, dia 15 de junho, acontecerá mais uma edição do **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, na programação do **Quarta com Cultura Unisinos**. O evento que se realizará na Livraria Cultura, em Porto Alegre, contará com a palestra *Compreendendo a Teoria de Keynes*, que será ministrada pelo professor Fernando Ferrari Filho, da UFRGS. Esta palestra já foi ministrada na Unisinos, no último dia 5 de maio.

Reproduzimos os artigos a seguir, um de autoria de Gilles Dostaler e outro de Denis Clerc, para adiantar aos leitores a temática do evento que ocorrerá na quarta-feira próxima, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura, localizada no Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre. Os textos foram publicados na revista **Alternatives Économiques**, número 202, de abril de 2002.

VEJA O QUE O IHU ON-LINE JÁ PUBLICOU SOBRE KEYNES

O que foi publicado	Edição	Data
Artigo <i>Por que ler Keynes hoje em dia?</i> , de Bernard Maris	139	2 de maio de 2005
Entrevista com o professor Fernando Ferrari Filho, intitulada <i>Compreendendo a Teoria de Keynes</i>	139	2 de maio de 2005
Entrevista com Gilles Dostaler, intitulada <i>Keynes ainda tem muito a nos dizer</i> , sobre seu livro Keynes et ses combats .	144	6 de junho de 2005
Cadernos IHU Idéias com um artigo de Fernando Ferrari Filho intitulado <i>As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes</i> .	Número 37	No prelo

KEYNES, UM SOCIAL-LIBERAL ANTES DA HORA

Por Gilles Dostaler

O artigo que segue é de autoria de Gilles Dostaler, historiador de economia e professor na Universidade de Québec, em Montreal, Canadá. Dostaler é também colaborador da revista **Alternatives Économiques**. Acaba de publicar o livro **Keynes et ses combats** (ed. Albin Michel), sobre o qual reproduzimos uma entrevista sua na 144ª edição, de 6 de junho de 2005 (ver quadro anterior). Sua especialidade é a história do pensamento econômico, sobre a qual já publicou uma dezena de livros e numerosos artigos. Nasceu em Montreal, em 1946. Antes de se dedicar à Economia, estudou Matemática na Universidade McGill de Montreal e, depois, na Universidade de Paris VIII. Desde seus primeiros trabalhos, interessou-se pelas correntes de pensamento, pelos fundamentos ideológicos, políticos e filosóficos das teses defendidas pelos economistas. Os três autores sobre os quais mais trabalhou são Marx, Keynes e Hayek, que representam três contrastantes respostas a respeito da questão social. De Gilles Dostaler também publicamos dois artigos, um sobre Malthus e um sobre David Ricardo, na 138ª edição, de 25 de abril de 2005. No texto a seguir, ele fala que, como um partidário da intervenção do Estado no domínio econômico, Keynes era um liberal apaixonado por justiça social na época do capitalismo triunfante.

John Maynard Keynes foi um dos economistas mais influentes do século XX²⁹. Ora, não somente ele não detinha nenhum diploma em Economia, como também considerava que a economia devia ocupar um lugar secundário na sociedade. Ele se autodefinia como um “publicista”. Sua tarefa principal: orientar a opinião pública e persuadir os que decidem a proceder a reformas urgentes, para evitar o desmoronamento de uma civilização ameaçada pelos demônios reacionários e revolucionários. Engajado desde sua juventude, em política, do lado do partido liberal, ele jamais o abandonará, malgrado uma proximidade crescente com os trabalhistas.

Keynes se banhou na política desde sua mais tenra idade. Seu pai era um liberal que evoluiu para o conservadorismo, enquanto sua mãe, que se tornou a primeira mulher prefeita de Cambridge, se reconhecia antes num liberalismo bastante radical. Em 1883, no momento de seu nascimento, o Partido Liberal, dirigido por Gladstone, está no poder, mas está em crise: atingido pela questão irlandesa, perde as eleições de 1886. Os conservadores, aos quais se associam os liberais opostos à autonomia da Irlanda, promovem uma política imperialista, marcada notadamente pela guerra dos Boers (1899-1902) na África do Sul, e preconizam um retorno ao protecionismo.

O “novo liberalismo”

Face a esta crise, os anos 1890 viram nascer, no seio do Partido Liberal, uma corrente chamada então de “novo liberalismo”. Ele considera que o liberalismo clássico cumpriu sua tarefa histórica: assentar a democracia política. É preciso, agora, pôr em questão o *laissez-faire* e permitir uma intervenção do Estado para assegurar o pleno-emprego, erradicar a pobreza e reduzir as desigualdades.

²⁹ As idéias que seguem são desenvolvidas com mais detalhes em Keynes et la politique. *Cahiers de recherche*, Lereps, Université des Sciences, Toulouse, 2001. Ver também *Lê Libéralisme de Hayek*, por Gilles Dostaler, La Découverte, 2001; bem como *Néolibéralisme, keynésianisme et traditions libérales*, *La Pensée*, n 323, p. 71-87, jul.-set. 2000. (Nota do autor)

Desde os seus anos de estudos na *public school* (escola pública) de Eton³⁰, onde ele chega em 1897, depois em Cambridge, Keynes se envolve ativamente nas organizações liberais e milita contra a guerra dos Boers e o protecionismo. Ele compartilha as idéias do neoliberalismo. Keynes participa em particular ativamente da campanha eleitoral de 1906, que verá uma estrondosa vitória dos liberais, seguida da implantação, sob a direção de Herbert Asquith, primeiro ministro a partir de 1908, e, sobretudo, do ministro da Fazenda Lloyd George, de um programa econômico amplamente inspirado pelo neoliberalismo.

Esta corrente de idéias queria igualmente ser uma resposta à agitação social que se acentuava durante os últimos anos do reinado da rainha Vitória. Criada em 1884, a Sociedade Fabiana propugna um socialismo não-marxista. Com outras organizações políticas e sindicais, ela está na origem do Partido Trabalhista, que elege, pela primeira vez, 29 deputados em 1906. Keynes era atraído pelo trabalhismo, ao qual muitos de seus amigos mais próximos, artistas e escritores anticonformistas, que formavam o grupo de Bloomsbury³¹, aderiram com entusiasmo. Ele sempre recusou ingressar neste partido, julgando que ele tolerava, em seu seio, uma facção extremista. Ele censurava igualmente o fato de se conceber como um partido de classe, uma classe que não era a sua. Ele sonhou, no entanto, até o fim de sua vida, com uma aliança entre o que ele chamava de o grande partido do proletariado, portador de ideais de justiça social, e o partido liberal, campeão da liberdade e da eficiência econômica.

“As conseqüências econômicas da paz”

Durante a Primeira Guerra Mundial, Keynes, então empregado do Tesouro, se impõe por sua inteligência e capacidade de trabalho. Ele participa ativamente no esforço de guerra inglês, o que não ocorre sem criar tensões com seus amigos de Bloomsbury, iconoclastas e defensores da objeção de consciência. Ele se torna familiar ao primeiro ministro Asquith e de Lloyd George, que o sucede em 1916. Keynes representa o Tesouro inglês nas negociações do Tratado de Versalhes. Ele se demite, por estar em desacordo com a amplidão das reparações impostas à Alemanha, e escreve **As conseqüências econômicas da paz** (1919). Este panfleto lhe assegura uma notoriedade mundial, mas o afasta por um tempo dos círculos do poder em seu país.

A Inglaterra sai em má situação econômica de uma guerra, querendo que a liderança mundial passe para os Estados Unidos. A libra esterlina, em particular, perde seu lustre e sua paridade com o ouro. Desemprego e deflação devastam uma economia cuja estrutura industrial se tornou arcaica, mas as posições econômicas ortodoxas, centradas na redução das despesas públicas, continuam amplamente dominantes. É a “visão do Tesouro”, formulada notadamente pelo chanceler conservador Winston Churchill e vigorosamente denunciada por Keynes. Este se empenhou na luta contra esta visão ultrapassada da política econômica, como um dos principais animadores de um “novo liberalismo recentrado”, num partido reconciliado em 1923. Este mesmo ano viu o Partido Trabalhista, que já havia ultrapassado os liberais nas eleições de 1922, formar, pela primeira vez, um governo minoritário, dirigido por Ramsay MacDonald.

Os trabalhistas, entretanto, muito preocupados com a respeitabilidade econômica, não rompem com a política dos conservadores: o ministro da Fazenda, Philip Snowden, apresenta um

³⁰Eton, escola secundária privada, freqüentada pela elite britânica, o termo *public school* se define por oposição a uma educação privada assegurada por *preceptors*. (Nota do autor)

³¹ Sobre esse grupo, consultar a entrevista concedida por Gilles Dostaler publicada na 144ª edição do *IHU On-Line*, de 6 de junho de 2005. (Nota do *IHU On-Line*)

orçamento prudente, quando a conjuntura, segundo Keynes, que o critica severamente, exigia medidas expansionistas. Sete meses após sua formação, o governo trabalhista cai. Novas eleições vêem o triunfo do Partido Conservador e o desmoronamento do Partido Liberal. Após a derrota, o partido se divide outra vez, notadamente quanto à posição a adotar perante a greve geral de 1926. Keynes se alia a Lloyd George, que propõe uma atitude conciliadora com os grevistas, e contribui ativamente na redação de *Britain's Industrial Future* (1928), plataforma de medidas "keynesianas" antes da redação definitiva, que constituirão a base do programa eleitoral do Partido Liberal para as eleições de 1929.

Os trabalhistas vencem estas eleições e formam um governo minoritário. Eles realmente não estão mais bem preparados do que em 1923 para fazer face à situação provocada pela crise de 1929. O ministro da Fazenda Snowden adota, de novo, posições ortodoxas, vivamente criticadas por Keynes. Este é, entretantes, chamado a sediar em diversos comitês criados pelo novo governo, mas os seus conselhos são pouco escutados. Em agosto de 1931, quando as pressões sobre a libra são muito fortes, MacDonald e Snowden propõem reduzir as despesas públicas, em particular a ajuda aos desempregados. Isso desencadeia uma grave crise no seio do Partido Trabalhista. MacDonald forma, então, um governo de união nacional com os conservadores e alguns liberais. Esta coalizão vence as eleições realizadas em outubro. Ela é amplamente dominada pelos conservadores, que deterão a realidade do poder até a derrota eleitoral de Churchill em 1945.

Keynes tomou, progressivamente, distância do Partido Liberal cada vez mais enfraquecido, sem jamais romper com ele definitivamente. Ele concedeu, com freqüência, apoio financeiro a candidatos trabalhistas que se convertessem gradualmente às suas idéias. Em particular, sob a influência do New Fabian Research Bureau (Nova Agência de Pesquisas), um *think tank*³², que agrupou vários de seus amigos e discípulos. Após algumas hesitações, Keynes declinou o convite que lhe foi feito de se candidatar nas eleições de 1940, com o apoio de todos os partidos. Ele se definiu, então, como um "publicista extremamente ativo", cuja influência é tanto maior quanto mais ele permanece afastado das contingências da política cotidiana.

O triunfo das idéias keynesianas

De fato, foi durante a guerra, sob o governo de Churchill, que Keynes atingiu o auge de sua influência, dirigindo notadamente diversas delegações que negociaram com os Estados Unidos para preparar o pós-guerra. Tornado par do reino em 1942, ele escolheu assentar nas cadeiras liberais da Câmara dos Lordes. Os trabalhistas adotaram, naquela ocasião, em 1944, uma plataforma amplamente inspirada em suas idéias: o *full employment* (pleno emprego) e *fiscal policy*. Ela foi implantada após sua vitória de 1945. Eles acabaram fazendo triunfar suas concepções menos de um mês antes de sua morte.

Como é que Keynes se situaria hoje no ministério inglês? Impossível dizê-lo, evidentemente, mas quem declarava em 1925, "ser menos conservador em [suas] inclinações que o eleitor trabalhista médio", provavelmente se situaria à esquerda de um Tony Blair, que considera o keynesianismo uma ideologia ultrapassada.

³² Literalmente, reservatório de idéias. Centro de pesquisa independente, trabalhando geralmente por conta de um partido ou de uma tendência bem definida. (Nota do autor)

DOIS KEYNES PELO PREÇO DE UMA TEORIA

Por Denis Clerc

Para Denis Clerc, no artigo a seguir, certas passagens da **Teoria geral** deram lugar a dois tipos de leitura, que opõem os partidários do Keynes pragmático aos do Keynes radical. Denis Clerc é autor de, entre outros, **Decifrar os grandes autores da Economia e da Sociologia**. Lisboa: Pergaminho, 2001.

Teria havido dois Keynes? Um Keynes pragmático e um Keynes radical?³³ O primeiro, é verdade, serve melhor para o personagem: baronete de Tilton (tardiamente, é verdade, já que ele foi enobrecido em 1942), especulador avisado (embora ele tenha começado por perder muito dinheiro nos mercados financeiros, a ponto de ter de retirar dos seus direitos de autor de **Conseqüências econômicas da paz**, publicado em 1920 – com mais de 200 mil exemplares vendidos –, para pagar suas dívidas, administrador do Banco da Inglaterra, presidente da comissão que imaginou o Banco Mundial, mecenas criador de um teatro, já não se vê o mais célebre economista do século XX na pele de um revolucionário, a faca entre os dentes. Ademais, ele se dizia solidário da “burguesia esclarecida” e jurava não poder “adotar uma doutrina que exalta o proletariado imundo em detrimento da burguesia e da *intelligentsia* que, a despeito de todos os seus defeitos, são a quintessência da humanidade”³⁴.

A problemática keynesiana, como se sabe, consiste em mostrar que, numa economia de mercado, um desemprego involuntário (isto é, tocando pessoas prontas para trabalhar em condições oferecidas pelo mercado) é a regra, e que nenhuma força de apelação, nenhum mecanismo reequilibrador se exerce sobre o mercado para eliminar este subemprego. É na **Teoria geral do emprego, do juro e da moeda**, publicado em 1936 (e traduzido para o francês por Jean de Largentaye em 1942), que John Maynard Keynes se esforça em explicar por que as coisas se passam assim, não sem digressões e numa certa desordem, o que o torna um livro difícil de ler e explica os dois tipos de leituras muito diferentes que podem ser feitos.

Os três pilares do pragmático

A teoria de Keynes repousa sobre três pilares. O primeiro é que, de um ponto de vista global (macroeconômico), o consumo tende a progredir menos rapidamente do que o retorno, porque, quando o retorno aumenta, a “propensão para poupar”, ou seja, a não gastar todo o seu retorno, aumenta igualmente. Keynes o comenta assim: “Quando o emprego cresce, o retorno global real aumenta. O estado de espírito da comunidade é tal que, quando o retorno real global cresce, o consumo global aumenta, mas não no mesmo montante do retorno. Por conseqüência, os empregadores realizariam uma perda, se o emprego suplementar fosse consagrado em totalidade a produzir bens de consumo. Para que um certo volume de emprego seja justificado, é preciso, pois, que exista um montante de investimento corrente suficiente

³³ O termo “radical” deve, seguramente, ser tomado em seu sentido original (que se liga à raiz) e não no sentido político que o partido do mesmo nome lhe conferiu. Os dois qualificativos são avançados por Olivier Favreau (“O incerto na revolução keynesiana: a hipótese Wittgenstein”, *Economia e sociedade*, março de 1985. Pascal Combemale, em sua notável e indispensável *Introduction à Keynes* (col. Repères, ed. La Découverte, 1999), retoma esta hipótese e a desenvolve. (Nota do autor)

³⁴ Citado por Jacques Luzi, em seu posfácio a **The End of Laissez-faire** (O fim do laissez-faire), ed. Agone, 1999, p. 58. (Nota do autor)

para absorver o excesso da produção total sobre a fração da produção que a comunidade deseja consumir quando o emprego se encontra neste nível”³⁵.

O nível da produção (Keynes fala em geral do “retorno” no sentido de retorno nacional) e, conseqüentemente, do emprego dependem, assim, do nível de investimento. Ora, este último está fundado – é este o segundo pilar – no lucro antecipado (o que Keynes chama “a eficácia marginal do capital”), comparado às porcentagens de interesse em vigor: “O impulso dado à produção resulta do fato de que a eficácia marginal de um estoque de capital aumenta em relação às porcentagens do interesse”³⁶. Se a eficácia esperada do capital o absorve amplamente, a incitação para investir será forte, já que, mesmo que lhe seja necessário tomar emprestado para investir, o empresário pode razoavelmente esperar ganhar dinheiro. Contrariamente, se o percentual de juro é elevado, a incitação para investir se reduz, enquanto os banqueiros examinam duas vezes antes de consentir em empréstimos bastante arriscados. O terceiro pilar é a “preferência pela liquidez”, ou seja, por um haver que permita a quem o possui trocá-lo por não importa qual outro bem, sem demora e sem custo. Ora, a moeda é o ativo mais líquido que existe: se eu detenho ações, eu não posso me servir delas como meio de pagamento e, se eu quero vendê-las para comprar outra coisa, eu corro o risco de perder dinheiro (no caso em que o curso da Bolsa tivesse baixado). Conservar sob forma líquida minha poupança, portanto em moeda, me põe ao abrigo de riscos: a liquidez é a liberdade e a segurança. Mas eu renuncio ao juro que poderiam me trazer essas somas de dinheiro aplicadas (os economistas chamam isso de um custo de oportunidade) e, principalmente, eu renuncio a grandes potenciais especulativos.

Imaginemos, com efeito, que o percentual de interesse diminua e passe, por exemplo, de 6 a 3%. Os novos títulos de empréstimo emitidos (pelo Estado, pelos bancos ou por empresas) aduzem 3%, quando os antigos ainda não vencidos continuam a render 6%. É evidente que um poupador, desejando aplicar seu dinheiro vai procurar comprar antes os antigos títulos do que os novos, o que vai fazer subir os cursos desses antigos títulos, até que, para o poupador, venha a dar no mesmo deter títulos antigos ou novos: se a taxa de juro é dividida por dois, o valor de revenda dos antigos títulos é multiplicado por dois. Em conseqüência, quando a taxa de juro tende a diminuir, os poupadores aumentam a parte de sua poupança detida em moeda (eles pedem mais moeda): o custo de oportunidade diminui, enquanto as ocasiões de ganhos potenciais na revenda dos títulos antigos detidos se multiplicam. Não é a oferta e a demanda de poupança que determinam a taxa de juros, como o sustentam os economistas clássicos³⁷, e sim a oferta e a demanda de moeda. A demanda resulta da preferência pela liquidez, como se viu. A oferta provém do Banco Central. Então, quanto mais este último emite moeda, mais as taxas de interesse baixam, para que os poupadores aceitem absorver esta moeda suplementar.

Resumamos: um nível de emprego que depende da propensão a consumir e do nível de investimento, o qual depende das antecipações de lucro e do nível das taxas de interesse, o qual, enfim, determina a partilha entre poupança aplicada e moeda (ou seja, a demanda de moeda). Nada nos diz que espontaneamente, o investimento vá se fixar a um nível tal que o

³⁵ *Théorie generale de l'emploi, de l'intérêt et de la monnaie* (Teoria geral do emprego, do interesse e da moeda). Ed. Payot, 1966, p. 58. (Nota do autor)

³⁶ *Id.*, p. 58. (Nota do autor)

³⁷ Sabe-se que Keynes designa, sob esta denominação, tanto os clássicos (de Smith a Mill) como os neoclássicos (de Walras ou Marshall a Pigou). Ver *Déchiffrer les grands auteurs de l'économie et de la sociologie*, tomo I, por Denis Clerc, ed. Syros. (Nota do autor)

pleno emprego seja atingido. Ao contrário: em razão da propensão a poupar, há uma forte probabilidade para que o sistema funcione em subemprego: “Um ato de poupança individual significa – por assim dizer – uma decisão de não jantar hoje. Mas, ele não implica necessariamente uma decisão de encomendar um jantar ou um par de calçados uma semana ou um ano mais tarde. Ele produz, pois, um efeito deprimente sobre a indústria interessada na preparação do jantar de hoje, sem estimular nenhuma das indústrias que trabalham em vista de um ato futuro de consumação”³⁸.

Um keynesianismo hidráulico

John Hicks propõe, em 1937, uma apresentação da análise keynesiana. O equilíbrio do pleno emprego não é assegurado, mas é possível aproximar-se dele: uma baixa da taxa de interesse vai incitar mais investidores potenciais a franquearem o passo, e as autoridades detêm a alavanca que permite fazer baixarem as taxas de interesse. Viva a política monetária! E, se isso não basta, as autoridades podem aumentar as despesas públicas, o que tem o mesmo efeito multiplicador sobre a demanda, do que o investimento. Viva a política orçamentária! E Hicks (que o mestre não desminta) vem apoiar seu raciocínio por duas curvas, que ficaram famosas na história do pensamento econômico: a curva IS (investimento-poupança) e a curva LM (liquidez-moeda), que determinam o retorno global ao qual conduz uma taxa de juro dada, via investimento e demanda de moeda gerada por esta taxa de interesse. A política monetária (que age sobre a curva LM) e a política orçamentária (que age sobre IS) permitem deslocar estas duas curvas, até encontrar um ponto de equilíbrio correspondente ao pleno emprego. O “keynesianismo hidráulico”, como o chama A. Coddington, tinha nascido.

Ponto positivo para Hicks: passada uma certa taxa de interesse, a demanda de moeda para a especulação se torna nula (o custo de oportunidade se torna demasiado elevado e a alta das taxas de interesse reduz o valor dos títulos, de modo que ninguém solicita moeda para comprá-los). A moeda retida o é apenas para as compras a efetuar, como o analisavam os economistas neoclássicos. A análise keynesiana, para Hicks, não é, pois, uma teoria geral, e sim um caso particular da análise neoclássica ortodoxa, já que se está em subemprego. Nada impede de remediá-lo e de retornar ao mesmo tempo ao caso mais geral descrito pelos economistas anteriores a Keynes. Uma “síntese” realmente bela, não?

“Exit” Keynes?

Este Keynes pragmático está morto, e bem morto: o enterro teve lugar nos anos 1970 e foi celerado por Milton Friedman (os monetaristas), Thomas Sargent (os novos clássicos), o FMI e alguns outros. A experiência, com efeito, mostrou que a máquina econômica não respondia mais às ordens do keynesianismo hidráulico, a não ser pela inflação. *Exit* (sai) Keynes? Absolutamente, responde um certo número de economistas:³⁹ o Keynes radical, este está sempre vivo, e bem vivo.

³⁸ Id., p. 226. (Nota do autor)

³⁹ Além de Pascal Combemale (op.cit.), é o caso notadamente de Marc Bousseylol (*Introduction à l'oeuvre de Keynes*, ed. Elipses, 2000), Gerard Marie Henry (*Keynes*, ed. Armand Colin, 1997), Jean Carelier (*L'économie de Keynes*, ed. De Boeck, 1995), Michel Herland (*Keynes et la macroéconomie*, ed. Econômica, 1991), Bernard Maris (*Keynes ou l'économiste citoyen*, ed. Presses de Sciences po., 1999), Lucien Orio e Jean-José Quilles (*L'économie keynesienne, um projet radical*, col. Circa, ed. Nathan, 1993), Alain Barrère (*Keynes aujourd'hui: théorie et politique*, ed. Econômica, 1985),

Ele afirma, aliás, o conjunto e mesmo um pouco mais na **Teoria Geral**, que contém algumas fórmulas assassinas, das quais o autor possuía o segredo. Assim, em sua conclusão, ele nomeia intencionalmente o “desaparecimento dos capitalistas” (o termo utilizado pelo tradutor francês para “eutanásia dos capitalistas”), cujo retorno só é justificado por uma raridade artificial do capital, como ele também deseja, um endurecimento importante dos direitos de sucessão: “Pode-se justificar por razões sociais e psicológicas notáveis desigualdades de fortuna, mas não de desproporções tão marcadas como atualmente.” Numa outra passagem célebre, ele denuncia o papel nocivo da especulação – “quando, num país, o desenvolvimento do capital se torna o subproduto da atividade de um cassino, ele corre o risco de realizar-se em condições defeituosas” – e sugere a “criação de uma pesada taxa do Estado” sobre as transações financeiras. Mas, é preciso desconfiar de um autor que se reputa praticar com deleite a arte da provocação⁴⁰. É, pois, antes no raciocínio exposto em seu livro que é preciso ir procurar o Keynes radical.

Um Keynes radical sempre vivo

Este raciocínio parte de uma afirmação essencial: ninguém sabe o que acontecerá no futuro. No entanto, é impossível não se tomar uma decisão, sob o pretexto de que tudo é demasiado arriscado: isso seria o fim do capitalismo, sistema que só sobrevive em razão do espírito empresarial de que ele é possuidor. Os que investem assumem, pois, riscos e é sem muita ilusão que eles camuflam sua ignorância do futuro atrás de previsões sem confiabilidade: “O cálculo exato dos benefícios futuros joga (na decisão de investir) um papel dificilmente maior do que uma expedição ao pólo Sul”. Na realidade, os investimentos são o espelho de quem crê em suas antecipações, porque senão, “a idéia da ruína final que os espera com freqüência” os paralisaria. Conseqüência: por não saber com que “molho seremos comidos”, agimos como se o presente se prolongasse indefinidamente. Esta regra implícita – uma “convenção”, diz Keynes – estrutura os comportamentos coletivos e permite ao sistema não se bloquear, pelo menos tanto quanto cada um aplica, pois, em certos momentos, dúvidas começam a nascer, as antecipações, de pelo menos uma parte dos atores se modificam, a convenção se fende, concretizando, ao mesmo tempo, as antecipações. Por exemplo, se uma parte de investidores se põe a duvidar da rentabilidade futura de seu investimento (a eficácia marginal do capital), de fato, o retorno nacional vai se reduzir ou progredir menos rapidamente, o desemprego vai subir, e a demanda efetiva (Keynes chamava assim a demanda saída das antecipações de produção) vai se inflectir, validando as antecipações negativas. Estes fenômenos não ocorrem somente no domínio financeiro, em que eles tomam formas espetaculares (*cracks*, bolhas, embalos entusiastas...). Eles tocam também o investimento – com esta circunstância agravante de que, quando um investimento é efetuado, ele é irreversível, como o escreve Pascal Combemale⁴¹, “quando se financiou um laminador, é difícil recuperar-se, de hoje para amanhã, na venda de vidro a varejo” – bem como a demanda de moeda, e, conseqüentemente, a taxa de interesse e

Alain Parguez, Frédéric Poulon, Jean-Jacques Friboulet, Marc Lavoie, Gilles Dostaler... Mas, bem entendido, todos estes autores não analisam da mesma maneira a radicalidade de Keynes. (Nota do autor)

⁴⁰ Marc Bousseyrol inverte a proposta: tomando estas passagens pelo cerne da demonstração keynesiana, ele encontra que “Keynes “mata” um grande número de idéias novas e revolucionárias que estão nesta obra, não realizando uma ruptura total com o pensamento dominante”(op. cit., p. 89). (Nota do autor)

⁴¹ Op. cit., p. 81. (Nota do autor)

a demanda efetiva. Em suma, todas as variáveis importantes que determinam, *in fine*, o emprego.

Eis porque o capitalismo é instável e porque esta mesma instabilidade acentua sua dificuldade em criar espontaneamente o pleno emprego, bem como sua propensão a se afundar na crise ou no crescimento lento: uma vez que se está nessa condição, as antecipações perpetuam esta situação e não existe força de apelação para que isso cesse. A moeda se torna o vetor dessa instabilidade, porque nós estamos numa “economia monetária de produção”. O “keynesianismo hidráulico” é impotente para modificar as antecipações. A política econômica keynesiana marchou durante os trinta gloriosos anos, porque ela estava na fase das antecipações otimistas. Ela fracassou em seguida, porque ela se chocava com antecipações pessimistas. É o sistema que está em causa, não sua administração.

O desmoronamento, por nocaute técnico, dos partidários do Keynes pragmático deixa todo o campo aos do Keynes radical. Mas, quanto mais suas análises parecem convincentes, tanto menos se vê sobre que prescrições elas desembocam. Eis-nos diante delas como a galinha diante de uma faca: que fazer? A força do keynesianismo da síntese era que ele desembocava numa política econômica precisa e segura de seus modelos operacionais. Isso, porém, se tornou também sua fraqueza, quando esses modelos se revelaram ineficazes e geradores de efeitos perversos. A fraqueza do keynesianismo da radicalidade é que ele continua sendo um discurso analítico, sem chegar a desembocar em proposições operacionais. Ele não encontrará força para se tornar um verdadeiro pensamento econômico, se ele não chegar a medidas concretas que se revelem eficazes... e sem efeitos perversos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER

Everton Lopes Fontoura



O entrevistado do IHU Repórter na edição desta semana é Everton Lopes Fontoura, um dos webmasters da Unisinos e que, até o ano passado, trabalhou como webmaster das Ciências Humanas da Universidade. Everton colaborou com a criação do primeiro site do Instituto Humanitas Unisinos, em maio de 2003. Ao contar sua história, preferências e sonhos, ele se definiu como uma pessoa tímida no primeiro contato, mas que depois se mostra “um cara muito legal e não tão tímido quanto parece”. “Procuro ser amigo. Se alguém precisa de alguma coisa eu tento sempre ajudar”. Everton é uma pessoa tranquila. A única coisa que lhe deixa indignado é a falsidade. Seu defeito é deixar tudo

para a última hora, mas ele promete para si mesmo: “Ainda vou inverter isso”.

Origens – Nasci em Porto Alegre. Quando criança, eu me dividia muito entre a casa da mãe e a casa da minha avó. Durante a semana, como minha mãe trabalhava fora, eu ficava na casa da minha avó e passava os finais de semana com minha mãe e meu pai. Lá na casa da avó tinha um pátio, onde eu brincava com meus primos. Era bem mais legal do que o final de semana. Quando comecei a estudar, o processo se inverteu, mas sempre mantive o vínculo com meus primos. A gente brincava de pegar, de esconder, subia em árvores, limpava o jardim da vizinha, saía vendendo coisas de porta em porta, jogava futebol, corria. Minha avó sempre me ensinou a ser bom, trabalhador e estudioso. Hoje me vejo como alguém que, dificilmente, pensa em maldade. Trabalho desde os 15 anos e sou um estudante esforçado, porque a informática me exige muito. Minha avó já faleceu, mas atualmente moro na casa dela, com meus primos e meus tios e tias. Nunca perdi o vínculo com meus pais, que se separaram, quando eu tinha 13 anos, mas continuaram amigos e sempre presentes na minha vida.

Formação – Estudei desde a pré-escola até a 8ª série em uma escola particular de Porto Alegre, o Instituto de Educação São Francisco, que hoje é a Escola Monsenhor Roncato. Cursei o segundo grau na Escola Estadual Cândido Godoy. Na escola pública, os professores são mais objetivos e efetivos. Ensinam o que precisa ser ensinado. Caso não entendêssemos, tínhamos que estudar por conta. A experiência de ter que se virar sozinho para aprender foi muito boa. Na escola particular, vinha tudo mastigado, o que podia causar um certo comodismo. Como sempre gostei muito de jogar videogame, um dia perguntei para minha mãe qual deveria ser minha profissão para que eu pudesse montar meus jogos de videogame, e ela me disse que seria computação. Fiz vestibular para Ciências da Computação na UFRGS, mas não consegui ser classificado. Como eu tinha estudado muito para a UFRGS, passar na PUC foi relativamente fácil. Cursei cinco semestres de Ciências da Computação na PUC e continuei o curso aqui na Unisinos, formando-me no final do ano passado. Atualmente, estou fazendo MBA em Administração de Tecnologias da Informação aqui na Universidade. Está sendo muito bom, pois a turma é mais velha, trazendo pontos de vista bem diferentes.

Profissão – Quando eu tinha 15 anos, trabalhei durante quatro meses como office-boy em uma empresa na área de informática, em Porto Alegre, entregando equipamentos de computadores. Era difícil carregar, olhar e não poder abrir ou mexer; uma tentação. Depois, trabalhei durante um ano em uma empresa de topografia, de um amigo do meu pai, já na época em que eu estava na faculdade. A gente ia para a rua, fazia medições dos terrenos e depois ia para o computador desenhar as plantas. Foi meu primeiro contato profissional com o mundo da informática e quando a Arquitetura, a Topografia e a Engenharia Civil se revelaram muito interessantes para mim. Saindo desse emprego, fiquei durante um ano como bolsista de pesquisa na PUC. Em 1999, li na Zero Hora um anúncio de vaga para webmaster na Unisinos. Candidatei-me e entrei junto com o Fábio Bressler, para sermos os webmasters do antigo Centro de Ciências Humanas. Conosco também foram contratados os dois administradores de rede do Centro, o Marlom Konrath e o Jones Silva. Nossa sala era onde é o IHU hoje. Foi a melhor época aqui na Unisinos. O trabalho de webmaster engloba todas as atividades relativas às páginas web da Unisinos, no sentido de desenvolver ferramentas que auxiliem o professor a criar e publicar conteúdo para web, dar uma assessoria para eles na criação e não fazer por eles (ensinar a pegar o peixe), desenvolver a apresentação na web dos sistemas de informação da universidade e dos conteúdos institucionais que o setor de Marketing projeta e idealiza. É preciso entender um pouco de *layout* para Internet, de análise e desenvolvimento de sistemas web, de modelagem de dados, de administração de banco de dados, de redes. O *layout* é de

responsabilidade do webdesigner, mas precisamos ter uma breve noção para quando for necessário fazer uma alteração ou otimizar códigos gerados por ferramentas que auxiliam na criação de conteúdo para web.

Namoro – Tenho uma namorada, a Letícia, há dois anos. Conhecemo-nos em uma viagem de intercâmbio da Unisinos para Buenos Aires. Ela é formada em Análise de Sistemas e também trabalha aqui na Universidade, no Laboratório de Informática das Ciências Exatas e Tecnológicas. A Letícia me dá muito apoio nas minhas atividades. Nosso único ponto de divergência é que eu sou colorado e ela é gremista. Pretendemos primeiro morar juntos, depois, talvez dentro de dois anos, casar e daqui a uns quatro anos ter filhos.

Autor – Machado de Assis.

Livro – *Do amor e outros demônios*, de Gabriel Garcia Márquez.

Filme – *Vanilla Sky*, de Cameron Crowe.

Um presente – Qualquer um relativo ao Inter.

Nas horas livres – Ler notícias de esportes, assistir a filmes, jogar videogame. Tenho até um grupo de amigos que se reúne para jogar.

Um sonho – Ficar bem e todos os que me rodeiam também.

Blog – Tentei fazer um *blog* uma vez, mas não deu certo. Nem cheguei a colocar no ar porque tinha coisas que eu não ia poder escrever, daí ficava triste comigo por isso. Se era para escrever, queria que fosse tudo. Eu queria que não fosse uma coisa só minha, queria que fosse algo útil para as pessoas que o acessassem. Mas eu visito *blogs* de vários amigos.

Unisinos – Uma universidade com uma base e uma história excelentes. Ela oferece oportunidades para quem busca o primeiro emprego, e valoriza esse funcionário, como foi o meu caso. Vejo hoje a Unisinos como uma instituição que está de olho no futuro.

Instituto Humanitas Unisinos e as Ciências Humanas – O papel do IHU na Unisinos é trazer para o debate sempre temas polêmicos e que englobam todas as áreas. Quando trabalhamos no Centro 1, tivemos um grande contato com a área de Humanas, e isso nos deu uma boa base para desenvolver melhor a informática. Com o apoio do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) do Centro 1, aprendemos mais sobre educação a distância e desenvolvemos a primeira versão do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O antigo coordenador da nossa equipe, o prof. Dr. Gilson Lima, trabalhou conosco a questão da criatividade e desenvolvemos o Pastanet. As relações eram muito próximas e o clima bem fraternal.

Site do IHU – Ajudei a construir o primeiro site do IHU, em 2003. Foi uma oportunidade de aprender um pouco mais sobre a visão humanística das ciências. A equipe que planejou o site estava bem por dentro do que havia de mais novo de recursos para serem utilizados para troca de informação na época. Era muito bom atender as demandas do site trazidas pela Elena

Pastorino⁴², porque sempre era algo novo, que nenhum outro site tinha solicitado, e que nunca esperávamos que o IHU fosse pedir.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª Dr.ª Híliana Reis (hiliana@icaro.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (posorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2^{as} feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.unisinos.br/ihu. Sua versão impressa circula na Unisinos terças-feiras pela manhã, a partir das 8h. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 591.1122 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br. Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

⁴² Elena Pastorino é uruguaia e foi a responsável pelo sítio do IHU até o começo deste ano. Hoje, trabalha e estuda em Montevideú. (Nota do *IHU On-Line*)